

P 702



RENOVAÇÃO

ÓRGÃO DE AÇÃO EDUCACIONAL PROLETÁRIA

Afonso Henriques de descuido
ção popular; mas, eu pergunto
mais nada que não fôsse de for-
passível reconquista de Leão e
e próximo de uma invasão
a independência, a delimitando
kisto sarraceno não den-
nriques o motivo imediato
sua obra política e rea-

leiro já se pode despe-
cer um novo mundo da
patriótico. Oitocentos
ina que um pequeno
Europa feudal. Vê-se
ses alicerces e
is, administra-
m Nuno Al-
nigos pelas ar-
mesmo pela
rio, em Por-
ório da pra-
egredo da histo-
civilização des-
organiza e dis-

que nascera
l. Podia ter
ada; podia
yo", como
a á pala-
ia que
mo re-
do na
e ao
eria
sue-
te

DIRETORES:
EDGAR FERNANDES
VICENTE DO REGO MONTEIRO

SUMÁRIO

RENOVAÇÃO, Edgar Fernan-
des e Vicente do Rego Monte-
iro. — MANOILESCO, Jorge
Abrantes. — AFONSO HENRI-
QUES REI E CAVALEIRO, Nilo
Pereira. — CAMOES E AS
ESCOLAS POÉTICAS, Eduar-
do de Carvalho. — AERO CLU-
BE DE PERNAMBUCO, Arlin-
do A. Pontual. — O SINDICA-
TO E SUAS FINALIDADES,
Silvino Lyra. — O QUE É ES-
COTISMO AGRÍCOLA, Oswal-
do Guimarães. — A CAMPA-
NHA ESCOTISTA DE JABOA-
TAO, Cesário de Melo. — DE
UM DIÁRIO DE POESIA, Wil-
ly Lewin. — FILOSOFIA DO
MUNDO INORGÂNICO, Crêso
Teixeira. — ATRAVES OS LI-
VROS, Augusto Duque, Vicen-
te do R. Monteiro, Willy Le-
win, Antônio Rangel Bandeira.
— UM POETA PARISIENSE
QUE AMA O BRASIL, Vicen-
te do Rego Monteiro. — ANCO-
RAS TARDIAS, Gildo Dantas.
— MAS OS LOUCOS GRITAM
NOS PÁTIOS (Novela), Gon-
çalves Fernandes. — NOSSA
CAPA, E. & V. — Notas. etc.



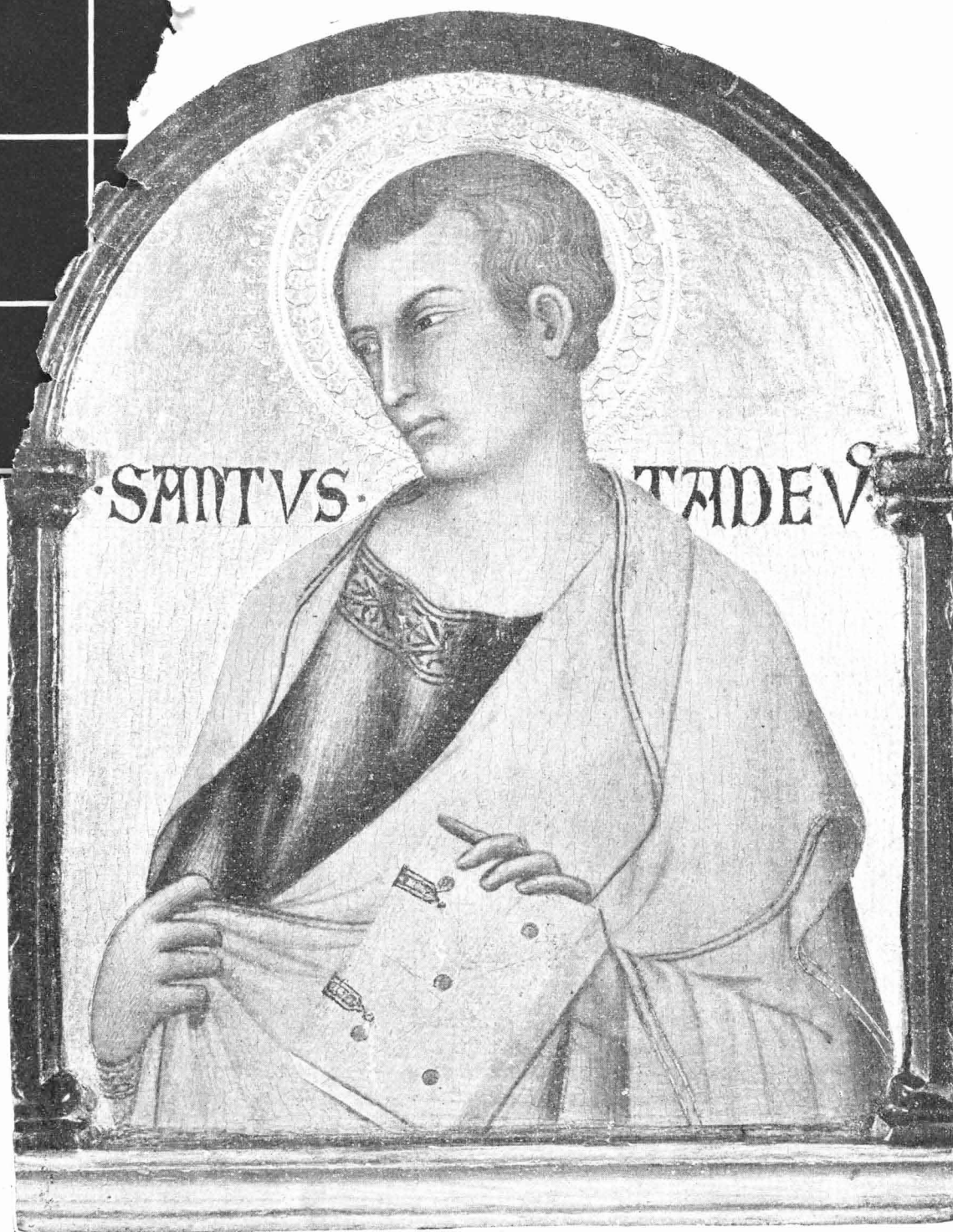
NOSSA SENHORA, O MENINO JESÚS e ANJOS — Pintura de ANDREA ORCAGI



Redação:

Rua do Bom Jesus, 207 - 2.º
RECIFE

(Vide NOSSA CAPA, página 6).



SÃO TADEU. — Pintura de SIMONE MARTINI, da Coleção P. L. de New York. Simone Martini (Simone Memmi) nasceu no ano de 1283. Foi discípulo de Duccio di Buoninsegna. Sua carreira artística teve início no ano de 1315, com uma "Majestás" executada para o Palácio de Siena. Sua obra importante se acha disseminada em várias cidades italianas, segundo as permanências do artista, Nápoles — 1317, Pisa — 1320, Siena — 1321-1322, Assis — 1335. Em 1339, seguiu para a cidade de Avignon, como delegado de Siena à Corte Papal e ali faleceu em 1344. Sua técnica pictórica se destaca pela composição harmoniosa e encanto de um colorido delicado.

AFONSO HENRIQUES REI E CAVALEIRO

Nilo Pereira

(Conclusão)

— Vêde-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a vitória já passada,
Na qual vos deu por armas e deixou
As que êle para si na Cruz tomou.

A significação da batalha de Ourique animou D. Afonso Henriques á continuação de campanhas metódicas e sistemáticas; e, também, á expansão territorial com que êle engrandeceu e dilatou o novo reino. O guerreiro não descansa sob os laureis. Há qualquer coisa de grandioso, de épico na tomada de Santarém, com aquêles soldados escalonando o muro para surpreender sentinelas adormecidas; e no cerco de Lisboa, que implicou na perda fatal de Almada, Palmela e Sintra. Não foi tão feliz no Alcacer-do-Sal que, tomado depois de incansáveis lutas, voltou depois ás mãos sarracenas. Mas, logo veio a recompensa: caíram numerosas praças alentejanas, inclusive Évora e Beja. A tomada de Lisboa, só por si, é um acontecimento memorável. Ai os exércitos de Afonso Henriques se unem aos exércitos dos cruzados numa esplêndida confraternização ditada pelo idealismo cristão. E essa arrojada empresa — um daquêles "cristãos atrevimentos", de que mais tarde falará o poeta nacional — "lavra a ata de nascimento da nação portuguesa, até á envolvida nos limbos da geração", como diz Oliveira Martins.

Nessa altura, já podemos vêr que o valente guerreiro está cansado. "A vida do primeiro monarca português fôra uma carreira contínua, de norte para sul e de sul para norte, ora em defesa da independência, ora em defesa das fronteiras ameaçadas. O seu arcaboiço de gigante começava a vergar". (7) Não faltaria quem lhe continuasse a obra ciclópica: D. Sancho será verdadeiramente um rei, como afirma Oliveira Martins, pois, com êle, "há um pensamento na política e uma idéia nas campanhas"; e D. Fuas Roupinho, consagrado na tradição popular, será nos mares, o primeiro português a vencer armadas inimigas. É a época dos precursores, dos que fizeram a rudes golpes uma nação que os descobrimentos marítimos, "dilatando a fé e o império", tornaram maior e mais respeitada. As bases da nacionalidade portuguesa estão vigorosamente lançadas.

Uma coisa é digna de registo: enquanto o mundo feudal europeu apresentava dificuldades políticas e sociais em alcançar a sua unidade, o reino de Portugal surgia consagrando esse principio. E nisso teve grande influência a organização municipal portuguesa; foi debaixo dessa bandeira que todas as classes sociais encontraram um ambiente de colaboração. Não quero, com isso, apresentar o feudalismo como um sistema incapaz de realizar o progresso dos povos. É certo que, hoje em dia, sabe-se que esse regime apresentou características as mais interessantes de uma vasta civilização econômica e social. A defesa do feudalismo está feita no mundo moderno; até aquilo a que se convencionou chamar — a servidão — foi, como se sabe, uma garantia individual.

André Maurois — entre tantos outros — nos dá uma visão desse mundo feudal, quando se refere ás garantias que o homem do povo auferia naquêles tempos. E, falando do feudalismo na Inglaterra, acentua que só no século XIII é que esse sistema, "numa sociedade que, graças a êle, conhecerá mais segurança, começará a revelar-se como inútil e pesado. E é um pouco depois que, como todos os regimes de ordem, êle morrerá do seu próprio bom êxito". (8)

Como quer que seja, é inegável que o panorama político de Portugal era diferente do que se apresentava pelo resto do mundo europeu. E essa diferença está bem patente: o reino português realizava a centralização política e administrativa, com fundamento na organização municipal, enquanto a Europa permanecia no regime da descentralização feudal.

A comuna portuguesa viu desenvolver-se a sua vida econômica e social. Ao lado de u'a monarquia politicamente unida, a única que se formara naquêles tempos, com esse caracter até certo ponto anti-feudal, surgiu a monarquia agrária, de que D. Deniz será um dos mais típicos representantes.

Houve quem acusasse D. Afonso Henriques de descuido quanto ao problema da instrução popular; mas, eu pergunto se havia tempo para cuidar de mais nada que não fôsse de fortalecer o novo reino contra a possível reconquista de Leão e Castela, e contra o perigo sempre próximo de uma invasão mussulmana. O reconhecimento da independência, a delimitação de fronteiras, a extirpação do kisto sarraceno não deviam constituir para D. Afonso Henriques o motivo imediato da sua ação? D. Sancho continuaria a sua obra política e realizaria a instrução popular.

A luta fôra incessante, e o rei-cavaleiro já se pode despedir do mundo, depois de ter feito nascer um novo mundo da sua coragem tenaz e do seu idealismo patriótico. Oitocentos anos apenas exaltam essa esplêndida página que um pequeno condado escreveu na história da velha Europa feudal. Vê-se mais tarde os que hão de levantar sobre êsses alicerces o edificio da unidade histórica: os primeiros reis, administrando com verdadeiro sentido de organização; um Nuno Álvares heroi e santo: "heroi, porque venceu os inimigos pelas armas, santo, porque se venceu e aperfeiçoou a si mesmo pelas letras"; como dizem os programas de ensino primário, em Portugal, um infante D. Henrique, o que do observatório da praça de Sagres leu no horizonte infindo dos mares o segredo da história portuguesa; um D. Manuel, que é toda uma civilização descobridora e navegante; um D. João III, o que organiza e disciplina os reinos conquistados.

Um dia, há oito séculos, Afonso Henriques, que nascera filho de conde, morreu libertador e rei de Portugal. Podia ter faltado, uma e até duas vezes, á palavra empenhada; podia também ter sido aquêle "bandido á imitação de Pelayo", como o chamou Oliveira Martins. Eu lembrarei que a falta á palavra dada era antes um solene compromisso com a pátria que alvorecia; e direi, ainda, que o bandido medieval, como recorda o prof. Valdemar Vedel, é o guerreiro celebrado na poesia heróica. É certo que uma tal classificação não cabe ao fundador da monarquia portuguesa; mas, se coubesse, êle seria dêsse que transformariam uma arrojada aventura numa sublime empresa, num "cristão atrevimento". Quando a grande voz emudeceu para repercutir, hoje, na imortalidade de oitocentos anos, as classes sociais, unidas sob a égide da monarquia cavalleiresca, choraram o libertador e o rei. Camões dirá:

Os altos promontórios o choraram,
E dos rios as águas saudosas
Os semeados campos alargaram
Com lágrimas correndo piedosas.
Mas tanto pelo mundo alargaram
Que sempre e no seu reino chamarão
"Afonso, Afonso", os écos, mas em vão.

Senhor Cônsul de Portugal: As comemorações dos centenários portugueses, neste ano de tamanhas incertezas, são um oasis que se abre á reflexão dos espíritos. Sentimos que essa meditação sobre a origem da nação portuguesa é bem uma lição — uma lição de fé e coragem patriótica — que o mundo luso-brasileiro precisa recolher para defender melhor o seu património de civilização e de cultura. Eu me congratulo com V. Excia. por êsses gloriosos centenários.

Antes de morrer, quando já se esboçava a política de independência no condado portucalense, o conde Henrique de Borgonha, cavaleiro francês que se cobriu de glórias cristãs nas lutas da península, disse ao seu filho Afonso Henriques, como numa ante-visão do seu futuro: Toma esforço no meu coração. E o filho tornou-se o libertador e o rei. Oitocentos anos sobre esse apêlo, portugueses e brasileiros, unidos pelo mesmo sentimento de nacionalismo e de fé, pela mesma cultura e pelo mesmo espírito, podem fazer, neste ano de preocupações e de surpresas, um apêlo da sua consciência histórica para que as duas grandes pátrias, tomando esforço na tradição comum, realizem a civilização, a paz, a ordem e a caridade entre os homens.

- (1) — Joaquim Nabuco — Escritos e Discursos Literários — pag. 51.
- (2) — Oliveira Martins — História de Portugal, vol. 1, pag. 107.
- (3) — Jacques Maritain — Le Crépuscule de la Civilisation — pag. 19.
- (4) — Pinheiro Chagas — História de Portugal, vol. 1, pag. 44.
- (5) — Idem, ibidem.
- (6) — Apud. Mario Gonçalves Viana — D. Afonso Henriques, pag. 61.
- (7) — Mario Gonçalves Viana — liv. cit., pags. 90-1.
- (8) — André Maurois — História da Inglaterra — pag. 81.



EXPEDIENTE

RENOVAÇÃO - Orgão

de Ação Educacional Proletária.

DIREÇÃO DE EDGAR FERNANDES
E VICENTE DO REGO MONTEIRO

REDAÇÃO: *Rua do Bom-Jesús, 207 - 2.º*
Recife Pernambuco

NUMERO AVULSO 1\$000
NUMERO ATRAZADO 2\$000
ASSINATURA PARA 24 NUMEROS:
NA CAPITAL 30\$000
NO INTERIOR DO PAÍS 35\$000

As assinaturas são pagas adiantadamente.

Os originais literários enviados a **RENOVAÇÃO**
não serão devolvidos, ainda que não publicados.

SÃO NOSSOS CORRESPONDENTES:

ADEMAR VIDAL. -- R. das Trincheiras, 554,
João Pessoa - Paraíba.

DEBORA DO R. MONTEIRO - Rua Almirante
Alexandrino, 663 - St. Tereza - Rio de Janeiro.

DALMO BELFORT DE MATTOS -- Rua De-
sembargador Valle, 453 - São Paulo.

CRESO TEIXEIRA -- Avenida Deodoro, 418
Natal - Rio Grande do Norte.

INDUSTRIA PERNAMBUCANA DE
BRINQUEDOS

PROPORCIONE AO SEU FILHINHO A ALEGRIA
DE VIVER...

Visite a Secção de Brinquedos da

A CAMA PAULISTA

RUA DA IMPERATRIZ, 131 — Fone 2150

Abra uma conta de pecúlio
na
CASA BANCARIA
Magalhães Franco
e Pague com Cheques

JUROS DE 5 1/2 %, E
TALÕES DE CHEQUES GRATIS

Elyseu Rio & Cia.

Representações

R. Vigarrio Tenorio, 95

Caixa Postal, 211

Telefone 9076

RECIFE

PERNAMBUCO

**PADARIA E PASTELARIA NOSSA
SENHORA DE LOURDES**

M. Costa & Cia.

Especialista em pães, bolachas e biscoitos etc.

Rua Lazaro Fontes, 122

GIQUIA' -- RECIFE

Fone 6074 -- RECIFE

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Do Rio de Janeiro — REVISTA DAS ACADEMIAS
DE LETRAS, Órgão da Federação das Academias de
Letras do Brasil, N.º 23, Julho 1940, Ano IV.

De São Paulo — SERVIÇO SOCIAL, Direção de
Luís Carlos Mancini, N.º 19, Julho, 1940, Ano II.

PREFEITURA MUNICIPAL DO RECIFE, — Dois
anos de administração Novaes Filho no governo Aga-
memnon Magalhães. Publicação da D. E. P. T.



RENOVAÇÃO

Os acontecimentos na Europa se sucedem céleres. Aqui e acolá, por toda a extensão do mapa, pontos vermelhos assinalam novos focos de agitação e luta. Tudo faz crêr que o velho continente está se transformando numa fogueira crepitante, onde em futuro próximo, procuraremos as cinzas de uma civilização extinta.

E a guerra continúa, fazendo a humanidade presa da maior inquietação e da mais sentida angústia. Ninguém poderia ser indiferente ao duelo terrível em que se empenham ideologias contraditórias, cada qual pretendendo decidir dos destinos dos povos.

Entre nós, particularmente, o fenômeno tem uma repercussão profunda. País, que dispõe de inesgotáveis reservas de riqueza, mas ainda jovem e porisso mesmo nos primórdios de sua organização politico-econômico-social, defronta-se o Brasil com um mundo conturbado, onde as nações se agrirem e os povos se exterminam furiosamente, em nome da paz e da felicidade humanas.

O Brasil precisa e deve afirmar-se perante o mundo, pela sua energia e grandeza. Daí a exortação que dirigimos, destas colunas, aos intelectuais e artistas brasileiros, célebres ou ignorados, ricos ou proletários, para atender aos imperativos da hora presente -- a defesa da nossa cultura e da nossa civilização.

Iniciando a nossa marcha para o oeste, uma marcha introspectiva para a descoberta da alma virgem do Brasil, teremos realizado o ideal maior da Pátria, próspera e feliz.

1.º CONGRESSO REGIONAL DE EMPREGADOS DO COMERCIO SINDICALIZADOS DO NORDESTE

Os comerciarios do nordeste, numa compreensão sadia e patriótica, vão realizar nesta capital, em Outubro proximo, o 1.º Congresso de Empregados Sindicalizados do Nordeste, sob os auspícios do Sindicato dos Auxiliares do Comércio do Recife.

A iniciativa dos comerciarios de Pernambuco, ajuizaram todos os Sindicatos do grupo do comércio, no nordeste, num movimento de solidariedade realizadora que deslumbra.

Uma comissão, composta dos srs. Manoel Constantino da Silva, Silvino Lyra e Arlindo Fragoso, esteve em dias do mez passado no Palácio, onde foram comunicar os preparativos pa-

ra o conclave, recebendo não só o apoio do Interventor Federal, mas ainda, palavras de estímulo.

Ao conclave, aderiram os sindicatos seguintes:

Sindicato dos Auxiliares do Comércio de Fortaleza, Sindicato dos Auxiliares de João Pessoa, Sindicato dos Auxiliares do Comércio de Natal, Sindicato dos Auxiliares do Comércio de Maceió, Sindicato dos Contabilistas de Maceió, Sindicato dos Garçons de Maceió, Sindicato dos Auxiliares do Comércio do Recife, Associação dos Empregados do Comércio do Recife, Instituto Pernambucano de Contabilistas, Sindicato dos Garçons, Sindicato de Empregados em Hoteis, Sindicato dos Barbeiros e Cabelereiros, Sindicato dos Despachantes, Sindicato de Revendedores e Pracistas, Sindicato dos Auxiliares do Comércio de Garanhuns. Espera-se ainda a anuência dos Sindicatos dos Empregados do Comércio de Goiana, de Caruarú e de muitos outros.

Já se acham prontas e sendo relatadas as seguintes teses: reciprocidade do previo aviso de 30 dias, para o empregado do comércio e da industria; como se extinguir a gorgêta; como resolver a educação proletária; a Lei 62, indenização á familia, por morte do empregado; o verticalismo industrial; cooperativas de construções operárias; Legislação tributária; fisealização do exercicio profissional dos contadores; obrigatoriedade da escrita comercial, além de muitas outras que vêm chegando á comissão organizadora do conclave.

Ao grande certame »Renovação« se solidariza, augurando o maior exito ao conclave.

NOSSA CAPA

O que sempre encanta nas obras dos pintores primitivos é a ausência total da forma utilitária na expressão pictórica. O immediatismo não existia na arte. O artesanato e a mestria conduziam o artista, progressivamente, ao seu maximum, evitando-lhe os escolhos da luta quotidiana.

A Poesia Total, no seu clima propício, medieval, conduzia a imaginação criadora dos poetas pintores do "trecento".

Andrea di Cione, denominado Orcagna, irmão de Jacopo di Cione e discípulo de Andrea Pisano, é bem um pintor poeta do seu tempo. Em nossa 1.ª página, estampamos uma Nossa Senhora com o Menino Jesús e anjos, de primorosa composição, e em nossa última página reproduzimos um Calvário, obra de seus discípulos, pintura que bem poderíamos atribuir ao mestre.

Em 1344 o nome de Orcagna aparece na lista dos melhores pintores de Siena. Em 1355, foi nomeado "Capomaestro di Or San Michele" e quatro anos mais tarde desempenha o mesmo encargo na Catedral de Oli-vieta.

Orcagna foi também famoso como escultor, arquiteto e sobressaiu-se na arte do mosaico. Como arquiteto, construiu a "Loggia dei Lanzi". A sua obra mais famosa como pintor, é o altar-mór da Capela "Strozzi", em Santa Maria Novella, executado entre 1354 e 1357, para Tommaso Rossello Strozzi. Vêm, em seguida, os afrescos realizados no refeitório do Convento do "San-to Spirito", em Florença.

Ainda como escultor, enriqueceu o oratório de "Or San Michele", com um esplêndido tabernáculo, cheio de graça e suavidade. No convento dos Cartuxos de Florença, esculpiu os túmulos dos Acciajuoli.

Orcagna, depois de Giotto, é considerado o mais pessoal dos pintores de Florença.

E. & V.

"O COMERCIÁRIO"

Está em circulação mais um número d'"O COMERCIÁRIO", órgão oficial do Sindicato dos Auxiliares do Comércio do Recife, uma das organizações mais salientes dêste Estado e do Nordeste.

Sob a direção do nosso colaborador sr. Silvino Lyra, o novo jornal proletário tem como redator chefe, a figura jovem e culta de Manoel Constantino da Silva.

Augurando ao "O COMERCIÁRIO" uma vida dura-doura e crescente progresso, transcrevemos, abaixo, as impressões de alguns jornais dêste e de outros Estados, donde extraímos o que se segue:

Do "Correio Bancário" — Recife:

"Acaba de aparecer, sob a direção do Sr. Silvino Lyra, "O COMERCIÁRIO", órgão oficial do Sindicato dos Auxiliares do Comércio do Recife, de publicação mensal.

Tendo á frente um jovem cuja cultura é por demais conhecida dos meios trabalhistas da nossa terra, "O COMERCIÁRIO", apresenta-se com farta matéria sobre assuntos de maior interesse da classe."

Da TRIBUNA — Santos — Estado de S. Paulo:

"Temos em mãos o primeiro número d'"O COMERCIÁRIO", órgão oficial do Sindicato dos Auxiliares do Comércio do Recife, uma das organizações classistas mais prestigiosas do nordeste brasileiro.

Sob a direção de Silvino Lyra, cuja colaboração já tivemos o prazer de inserir em nossas colunas, e um corpo redacional de comércio, aspecto de jornal moderno e traz interessante colaboração sobre diversos assuntos que de perto estão ligados aos interesses da classe dos empregados no comércio, está fadado a vencer, etc."

MANOÏLESCO

JORGE ABRANTES
Especial para "Renovação"

Nos dias que passam, reforça-se consideravelmente a veracidade da afirmativa de Mihail Manoïlesco — o século XX é o século de corporativismo e o corporativismo é a doutrina em acordo com os imperativos da época, que são quatro: DESCAPITALIZAÇÃO, PAZ (1), ORGANIZAÇÃO E SOLIDARIEDADE NACIONAL.

A guerra de 1940 não é, apenas, a luta por posições econômicas, mas, primordialmente (cremos que os princípios sempre marcham na frente), um gigantesco choque de mentalidades, do qual resultará a imposição das novas idéias e sua consequente universalização, tal como aconteceu, no passado, com o liberalismo.

É a marcha sem fim do Espírito Humano, no seu eterno anseio de perfectibilidade. Os que choram, hoje, em altos brados, a morte dos princípios individualistas (nenhuma referência, aqui, ao PERSONALISMO cristão), democrático-liberais, socialistas e capitalistas, parecem esquecer que esses princípios não nasceram com o mundo, por indicação divina, mas tiveram seu nascimento há dois a quatro séculos e que, por sua vez, representaram uma reação contra fórmulas anteriormente estabelecidas. Lamentando a reforma social e política da França do marechal Philippe Petain, esquecem-se de que a França não veio do batismo liberal-maçônico, mas adotou tais idéias por ocasião do banho de sangue da Revolução Francesa, que não foi o seu batismo.

Muitos espíritos tremem diante da perspectiva de uma França autoritária e sem partidos, de uma França construída sobre bases econômicas corporativas, de uma França anti-individualista e anti-liberal, de uma França forte e indissolúvelmente unida, que não fragmentada por força das "liberdades democráticas" (quel dommage!). Mas isto nada tem de novo na vida da grande nação e, se os depositários do seu destino, neste momento doloroso e difícil da sua história, fizerem somente isto, temos a impressão de que a França reencontra-se a si mesma.

Também houve quem ruborizasse de pêjo quando o Brasil extinguiu a liberal democracia e os seus partidos e acabou com as fórmulas liberais da sua economia e da sua organização social. Mas quem não percebe, agora, que só existe um caminho seguro e honesto para as nações modernas: disciplina interna, autoridade, harmonia social? Que seria, hoje, do Brasil, com a confusão partidária e eleições com sangue, como ainda é comum na América...? O Brasil começa a trilhar um novo caminho. Não hão-de, as vestais do velho pensamento dizer que isto significa a adoção de idéias exóticas, pelo só facto de que outros Estados devastaram o matagal dos antigos preconceitos, desbravaram, em primeiro lugar, esse caminho. Idéias exóticas, então, teriam sido o liberalismo europeu e o federalismo norte-americano, que tão prazenteiramente aceitámos.

A própria Inglaterra conservadora terá que sacudir o bolor da sua estruturação social e abandonar seu monstruoso sistema capitalista. Seria grande pretensão desejar a eternização de fórmulas econômico-sociais. Certos elementos religiosos, por exemplo, apontam o abandono dessas fórmulas como uma apostasia. Mas as táboas entregues a Moisés no Sinai é que continham os mandamentos revelados e não aquelas onde se gravaram os "direitos do Homem".

O mundo liberal nasceu do materialismo que afastou o homem da sua origem sobrenatural e da Revolução Francesa, cujos métodos de ação foram o morticínio em grosso e o saque oficializado, tal como na sua irmã gêmea, a Revolução Bolchevista.

O mundo não se torna perfeito com a adoção de novas fórmulas de vida e tanto menos quanto elas se afastem dos princípios eternos e universais que deveriam estar na base de todas as reformas. O que o mundo procura sempre é melhorar das suas dôres, muitas das quais são sem remédio.



O remédio para os males econômicos do mundo moderno e o Corporativismo — sistema de bases cristãs, que a Revolução Francesa derrubou e que a si próprio se desmoralizou.

Por coincidência ou pela lógica comum dos fatos, é uma das figuras políticas de relêvo, nestes dias, um dos maiores propugnadores pelo Corporativismo — Mihail Manoïlesco, chanceler da Romênia. Ter-lhe-á chegado, como participante da tarefa da construção da chamada "nova Europa", o momento de pôr em prática e provar a procedência das suas idéias pessoais?

Numerosos problemas sugere a organização corporativa teorizada por Manoïlesco.

Antes do mais, o corporativista de Bucarest julga o grande movimento do século XX dum ponto de vista muito relativo e pragmático. Faz do corporativismo uma questão de OPORTUNIDADE, nega-lhe qualquer valor EM SI e concede-lhe, apenas, os valores do MOMENTO. Tão lógico e consequente para a sua época, como a democracia o foi para a sua. De modo que a superioridade daquele para esta está, apenas, na CONVENIÊNCIA HISTÓRICA.

Parece que a coisa é diferente. A democracia (liberal) trouxe do nascedouro erros formidáveis e foi, em essência, um regime ERRADO, apesar de TER CORRESPONDIDO AO ESPÍRITO DE UMA ÉPOCA. E o corporativismo é o reencontro — pelo menos quanto ao seu espírito — de uma concepção verdadeira, que a democracia procurou, em vão, destruir. Contêm, em si, alguns valores absolutos e corresponde a certas necessidades permanentes da vida humana. Quem negará, por exemplo, que a associação é um fato permanente e inerente à natureza humana, um direito natural do homem? O que os sistemas criados pelo homem têm de permanente e absoluto, nunca desaparece.

Esse pragmatismo e esse relativismo se revelam em outros pontos do nascedouro de Manoïlesco. Assim é que ele submete demasiado e de uma maneira DETERMINISTA o corporativismo às necessidades econômicas do momento. Fã-lo parecer, antes que a expressão da ação do espírito humano sobre a massa dos fatores econômico-sociais, a resultante dessa situação, assim como o explicaria a doutrina marxista. Essa excessiva subordinação ao econômico (e o corporativismo de Manoïlesco não é exclusivamente econômico, mas INTEGRAL) é um dos índices do materialismo que teima em esgueirar-se pelas largas aberturas que deixam as novas doutrinas...

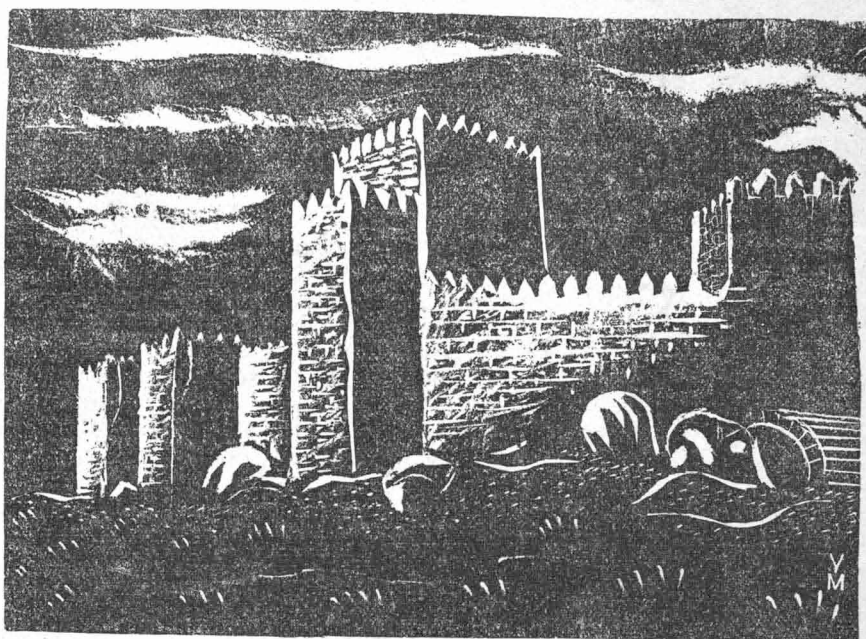
Fixemos, agora, dois aspectos justos da concepção corporativa de Manoïlesco. Em primeiro lugar, seu corporativismo é PURO, no sentido de que "as corporações são a única base

(Cont. na pag. 33)

AFONSO HENRIQUES REI E CAVA- LEIRO

Nilo Pereira

(Conferencia pronunciada no Gab. Português de Leitura do Recife, em 14 = 7 = 1940)



Castelo de Guimarães — onde, por ocasião das solenidades centenárias, foi hasteada a bandeira de Dom Afonso Henriques.



AS diversas vezes que tenho falado a portugueses e brasileiros — que me lembre, duas nêste mesmo recinto, uma no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, por ocasião da Festa da Raça, — em nenhuma, é certo, experimentei mais vivo do que hoje o sentimento de união que de-

ve estreitar os dois povos. As condições políticas do mundo moderno nos levam a pensar seriamente no nosso destino; e dessa reflexão, que ninguém certamente deixará de ter feito, resultará uma necessidade toda íntima de fortalecermos a nossa personalidade política, não procurando propriamente uma solução — porque os problemas europeus não são os nossos — mas, escolhendo um caminho. Quer me parecer que a história, ainda por muito tempo mestra da vida, nos pode aconselhar êsse caminho, fazendo, como vemos na história luso-brasileira, um constante apêlo á tradição espiritual e cristã, á unidade dos dois povos. Então, o sentimento de união, de que há pouco falava, resalta imperioso, porque decorre todo êle de uma tradição comum: a mesma língua, a mesma religião, a mesma formação política. Lembro-me, agora, ao falar dêsse sentimento, numa hora tão incerta da humanidade, de uma grande voz brasileira, que sempre o enalteceu como garantia do nosso destino: Joaquim Nabuco, cujas conferências sôbre Camões constituem o que há de mais belo em tórno do Poeta, foi uma consciência a serviço desse ideal, uma sensibilidade política exaltada pela compreensão da verdade histórica. Não era de admirar que assim fôsse quem dizia que os LUSIADAS e o descobrimento do Brasil constituíam os dois maiores descobrimentos portugueses; quem, em 1888, falava de “um grande, um imenso Portugal americano”, ou fôsse de uma nação “que soube manter o seu caracter português, mesmo nos tempos em que Portugal perdera a sua independência na Europa”. (1)

Tambem me lembro, senhores, de uma outra voz, esta portuguesa e, aliás, bem liricamente portuguesa; o Antonio Corrêa de Oliveira dos poemas patrióticos, como aquêle que lêu no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, saudando os irmãos brasileiros:

Se a língua fizesse as pátrias
Mais que o chão, ninguém diria
Onde Portugal acaba
Onde o Brasil principia.

A união dá lugar, por isso, a uma indistinção: não se dis-

tinguem os dois povos senão pelo fenômeno de scissiparidade, muito natural, que fez da colônia uma florescente nação; no mais, tudo se confunde. E a alma brasileira não seria digna de tão nobre nome se repudiasse as origens portuguesas — essas origens que tiveram em Afonso Henriques o heroi-cavaleiro e em Nuno Alvares o heroi-santo. Não me parece que se deva estudar a história portuguesa por um dever simplista de conhecer êsse belo trêcho da história humana; seria bem pouco para um povo que quizesse conhecer a si mesmo e traçar um itinerário certo, procurando revigorar-se constantemente, enquanto o mundo sofre, enquanto o mundo se desagrega.

E com êsse sentimento de união e de apêgo, o único que ainda nos pode guiar nessa hora de transformações universais, que todos nós, tão brasileiros de nascimento quanto portugueses pela formação e pela tradição, devemos comparecer deante dêsse grande momento histórico em que o velho Portugal, que deu novos mundos ao mundo, recorda a fundação da sua monarquia cavaleiresca, naquêles dias tão nobre e tão guerreiros da Idade-Média portuguesa, e a sua independência na Europa, quando, vencendo a ambição dos Felipes, extinguiu aquilo que Alexandre Herculano chamou o novo cativo de Babilonia...

Eu vos falava, há pouco, da Idade-Média portuguesa. Foi, como em toda parte, uma época de cavalheirismo desinteressado, de generosas aspirações. E triste vêr como o liberalismo político e histórico de Oliveira Martins — para citar um dos mais ilustres — falseou a concepção dêsse período de tão grandes afirmações humanas. “A Idade-Média é uma vertigem, diz aquêle historiador. O povo, aflito pelas misérias do mundo e pelos terrores do céu, vivia num sonho feito de dôres positivas e de mêdos transcendentis: rodopiava num SABBATH”. (2) E tão falsa essa afirmação, como falso seria dizer que o cavaleiro Afonso Henriques não foi um autêntico representante do seu tempo, do qual êle tem, sem nenhuma dúvida, mais virtudes que defeitos.

É certo que a reabilitação da Idade-Média, já hoje definitivamente feita, não implica numa especie de angelização daquêle tempo. Eu não diria que Afonso Henriques foi um homem perfeito, que não faltou á palavra empenhada e que não gostava de ser adulado (como alega Oliveira Martins) — só porque tenha sido, como me parece, um perfeito cavaleiro, ou melhor, um autêntico representante do seu tempo. Uma civilização cristã pode não ser uma civilização perfeita; muito menos podem deixar de ser perfeitos os homens cristãos. Na conferência — LE CRÉPUSCULE DE LA CIVILISATION — Maritain afirma: “Je ne dis pas que la civilisation chrétienne avait réalisé la parole de l'Évangile, — seuls les saints la réali-



Lisbõa — CASTELO DE SÃO JORGE — Gravura de Monteiro

sent á peu prés". (3) — Mas, eu direi que a Idade-Média, com a sua cavalaria, com o seu gôsto de aventura, com o seu sentimento de lealdade e de brio, era uma época propícia ao aparecimento d'esses espíritos desprendidos, generosos, dados a defesa dos grandes ideais humanos. Por isso, não separo o cavaleiro Afonso Henriques da fisionomia moral e política da sua época; nem por outra maneira se poderia explicar o aparecimento do seu pai — o conde D. Henrique — nas terras de Castella, empenhada na luta contra os mouros. De qualquer modo são ambos — pai e filho — dois personagens bem medievais: cavaleiros e cruzados. O gosto cavallheiresco e o idealismo das cruzadas forjaram nessas duas almas medievais uma pátria que, com essa origem, não podia deixar de ser o que foi e o que tem sido: cavallheiresca e cristã. Afonso Henriques é de tal maneira um representante das altas virtudes da sua época que Camões não teme para êle nenhuma compara-

Pois se a trôco de Carlos, rei de França
Ou de Cesar, quereis igual memória,
Vêde o primeiro Afonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha glória.

Vejamos o que faria essa "estranha glória". É singular como aquêlê menino de 14 anos, num gesto verdadeiramente altivo, se arma a si mesmo cavaleiro, na catedral de Zamora, domingo de Pentecoste, 7 de junho de 1125. Lembra Mario Gonçalves Viana que o ato só era permitido a filhos de rês, Ninguém lhe tirou, por isso, a armadura nem procurou tornar nulo o seu juramento de soldado de Deus e do condado. Aquêlê foi um dia em que o condado portucalense viu nascer o seu defensor e libertador. O conde D. Henrique já havia sido quasi um libertador; sua missão histórica não foi apenas a de um vassallo que recebe do suzerano um feudo para cultivar e desenvolver: êle deu ao seu quinhão feudal certa personalidade política, uma relativa independência. Afonso Henriques foi, porém, o realizador dessa noção de pátria apenas esboçada; e o fez com tantas virtudes políticas que Camões o julgou bem digno do pai:

Ficava o filho em tenra mocidade
Em quem o pai deixava seu traslado,
Que do mundo os mais fortes igualava,
Que de tal pai tal filho se esperava.

Três anos depois daquêlê ato na catedral de Zamora, o jovem príncipe iniciava a luta da independência portuguesa. E de então até o fim da sua vida, sacudido por um idealismo imperturbavel, foi uma luta sem fim, áspera e terrivel, pela consolidação do reino que fundou na Europa, talvez sem poder

imaginar a significação histórica que teria no mundo aquêlê monarquia cristã, capaz de fazer "qualquer estranha glória".

E na verdade faria. Quem, por ventura, não se admira ainda hoje de vêr aquêlê jovem erguer-se contra os poderes de Leão e Castela, rebelar-se contra o procedimento da sua própria mãe, cujos amôres com o conde Peres de Trava a levaram até o enfraquecimento e traição do seu sentimento de nacionalidade? Cedendo a um outro amor, êsse mais violento, D. Terêsa passou a sêr um entrave á objetivação do grande sonho tão animado de romantismo político: a constituição do Novo Estado. Estado que se esboçava e creava no animo varonil daquela gente o entusiasmo de uma grande conquista arrancada pelo amor á gleba ao amor humano de uma princesa desvairada.

E não se diga que isso foi facil. Imaginai que até o filho teve que ser, em nome d'esse Estado nascente, um instrumento contra a própria mãe: a menos que se possa dizer melhor: contra o conde favorito, o ESTRANGEIRO, o que veio entorpecer e corromper aquêlê caracter nacional, tão manifesto em D. Tereza. E essa tem sido, meus senhores, uma acusação que a história levantou contra o fundador da monarquia portuguesa. Na sua famosa HISTÓRIA DE PORTUGAL, Pinheiro Chagas diz: "A tradição attribue ao infante um feito odioso, o de encerrar sua mãe no castelo de Lanhoso, carregada de ferros, e Camões, o cantor das nossas glórias, deu a essa imputação a terrivel imortalidade dos seus versos". (4)

Na verdade, o poeta nacional diz:
vencido de ira o entendimento
a mãe em ferros ásperos atava.

Talvez os historiadores anti-medievalistas pudessem se queixar logo da Idade-Média, nêsse ponto; seria mais um negro defeito daquêlê tempos obscuros... Mas, é o próprio Pinheiro Chagas quem afirma: "A história contudo rehabilita por êsse lado o infante, por que os monumentos coevos desmentem essa acusação. D. Tereza e o conde de Trava foram simplesmente expulsos do reino". (5) E que significa essa expulsão? Era a revolta do moço-cavaleiro; era, antes, a batalha de S. Mamede, ganha sôbre aquêlê magnífico espetáculo da lealdade de Egas Moniz.

E um bello episódio, esse: um velho que, depois do cerco do castelo de Guimarães, vai servir de penhor junto a Afonso VII, rei de Leão, da rendição e vassalagem do condado portucalense. Afonso Henriques fôra colhido de surpresa. Mas, êsse tributo era antes uma trégua: o infante achou justo quebrar o seu juramento, pois não ia com êle aniquilar o seu belo sentimento de pátria. E Egas Moniz — que é um símbolo da velha lealdade — não podia vêr por terra a sua palavra empe-

nhada no acampamento do rei de Leão sem que em trôco lhe desse a própria vida.

Vendo Egas que ficava fementido
O que dêle Castela não cuidava,
Determina de dar a própria vida
A trôco da palavra mal cumprida.

Com isso salvou-se a honra do Portugal nascente; e Afonso VII achou ocasião de manifestar a sua magnanimidade deante de tão grande lealdade. Por ventura, não deixava êsse gesto de honradez. á vontade para agir, o infante do condado? E o que é que se segue a êsse espetáculo como preparado para redimir a honra portuguesa? Segue-se a luta, a renhida luta que não deixou mais em paz o fundador da monarquia lusitana.

Conheceis bem os pormenores dessa campanha libertadora. Fôra superfluo estar recordando. Mas, acompanhai agora, em espírito, o infante que se defronta com o conde de Trava nos campos de S. Mamede do Alvão. De um lado, ferido o sentimento de nacionalidade, que procurava alí a sua desfôrta; do outro, magoado o amor de um conde romantico e, com êle, a sede de uma imensa cobiça. Qual dêles devia vencer? É claro que o sentimento da terra faria maiores prodígios; e a batalha de S. Mamede — cuja importancia é hoje tão acentuada — é o primeiro dia nacional português. Depois dela, uma rainha sem título; e um conde a fugir entre destroços. A história — como salienta Oliveira Martins — fez ao conde galego a justiça de mencionar que não abandonou a rainha, "quando a viu despojada do poder e do título". A importancia da batalha, libertando um povo, tinha êsse grande sentido: a aristocracia portuguesa vencera a leoneza. E era tudo.

Não deve passar despercebido como essa nascente aristocracia vinha enfrentar e vencer uma nobreza enraizada e forte. Isso é verdadeiramente um prodígio. Afonso Henriques era um jovem batalhador sem experiencia. Alfredo Pimenta explica êsse prodígio quando chama o infante, já então quasi rei: "gênio político e militar formidável". (6)

Afonso Henriques não surgia como um aventureiro á procura de façanhas que lhes immortalizassem a coragem e justificassem a sua posição de cavaleiro.

O tratado de Zamora é a grande capitulação de Afonso VII: êle desiste de continuar a luta com Afonso Henriques e faz muito mais ainda: reconhece a independencia do novo reino e dá ao seu fundador o título de soberano. Podia Afonso Henriques precisar que esse título fôsse mais tarde reconhecido pela Santa Sé, se é verdade que não tomou tal resolução em momento de estrita fidelidade cristã; mas, o certo é que desde aquêllo momento êle era rei de Portugal, embora, como senhor de Astorga, que ficára sendo, contraísse para com o rei de Leão obrigações pessoais a que o arrastava, em tal caso, o velho direito feudal.

Rei de Portugal e senhor de Astorga: dois títulos que aparentemente se chocavam. Pelo primeiro, a independencia do condado; pelo segundo, um traço ainda de vassalagem. Tal vassalagem, porém, tornou-se logo depois nominal quando o novo reino se colocou sob a proteção da Santa Sé.

De modo que já se pode dizer sem nenhuma duvida: aquêllo menino de 14 anos, impulsivo e voluntarioso, armado por si mesmo cavaleiro, é agora rei. Pouco importa, ao meu vêr, a data certa em que esse título lhe foi oficialmente concedido; ainda recentemente se discutiu êsse pormenor na erudita polémica entre o historiador Alfredo Pimenta e o padre Domingos Maurício. Um fato é, então, o que nos interessa: o condado portugalense já não é um feudo de Leão e de Castela; sua existência autónoma está assegurada.

Que resta ao novo rei? A vaidade e a glória? A ansiedade de uma coroação espetacular? Convenhamos logo numa coisa: Afonso Henriques era um simples; quasi estou a dizer — um rústico. Mas, direi melhor: era um patriota, no que essa expressão tem de mais nobre e mais essencial. Nesse sentido, foi um "turbulento príncipe", como o chamou Pinheiro Chagas; um turbulento príncipe que será daqui a pouco o Ibn-Erriek dos historiadores árabes, o guerreiro "cuja espada foi o açoite dos sarracenos".

E, então, não é apenas o rei a defender domínios e a fixar fronteiras; é o antigo cavaleiro combatendo em nome da Fé, pois não me parece que se possa, em tal caso, separar o patriota do cristão.

Naquella época era violento o choque entre as duas culturas — a mussulmana e a cristã. O islamismo não era apenas uma mística religiosa, era tambem uma mística política; e sob êsse duplo aspecto é que a civilização da meia-lua enfrentou,

DE UM DIÁRIO DE POESIA

O que existe de belo numa paisagem, nas coisas do mundo, é a eterna, a misteriosa, a invisível Presença que elas ocultam e refletem. Um poeta realmente materialista: que absurdo!

O poder mágico dos vocábulos em poesia. Ou aquelas suas virtudes extra-intelectuais de que nos fala Marcel Raymond.

"Il y a les poètes et les grandes personnes".
(Cocteau).

Alguem me disse, uma vez, referindo-se a Rimbaud: "Escrever versos daquêles aos dezenove anos, imagine! Uma obra genial!..." Evidentemente, êsse ingenuo confundia um poeta com um precoce campeão de xadrez.

(Rio, 1937) M. M. e eu descobrimos, por acaso, uma vitrine de utensilios cirúrgicos, manequins anatômicos, instrumentos ortopédicos. Estacamos "bouleversés". Ali estavam, vivos, eloquentes, Chirico, Chirico, Dali, os surrealistas.

Numa tela de Chirico, o silêncio detem, bruscamente, a queda das perspectivas.

O poeta "dorme". Ou respira numa noite profunda. Acordado, em plena luz, entre os homens, o poeta é um desatrito lamentavel, um peixe atirado á praia.

Willy Lewin

nos dois mundos, a civilização da Cruz. Na península ibérica realizaram os árabes o que Henri Pirenne chama, empregando uma palavra moderna: um bloqueio. É verdade que alguns historiadores exaltam a civilização mussulmana invasora; mas, os árabes, que eram simples vulgarizadores e intermediários da cultura antiga, e não êsses esplendidos creadores de uma nova cultura — constituíam um perigo iminente e profundo. Daí, a importancia que tem a batalha de Ourique, talvez pouco lembrada e, muito menos, celebrada, mas, em verdade, decisiva para os destinos da nacionalidade. Não é aqui o momento de discutir qual das duas batalhas teve maior importancia para a história portuguesa: a de S. Mamede ou a de Ourique. Tais discussões são puros bizantinismos. Ambas decidiram da sorte de um povo cristão, de uma cultura cristã. A tradição ligou o nome de Cristo a essa batalha e tornou-a, assim, duplamente gloriosa. Por isso, quando Camões dedica o seu poema ao rei D. Sebastião, não se esquece de aludir ao escudo das quinas que D. Afonso Henriques mandou pintar depois da vitória, escudo que é um símbolo da grandeza nacional:

Vós, tenro e novo ramo florescente
De uma árvore de Cristo mais amada
Que nenhuma nascida no Ocidente,
Cesarea ou cristianissima chamada

(Conclue na pag. 3)

AERO-CLUBE DE PERNAMBUCO

Arlindo Amorim Pontual



ODEMOS afirmar com convicção que o aero-clube é a unidade funcional da nossa organização aeronautica.

Para que tenhamos aviões, para que nosso sólo fique salpicado de campos de pouso, para que se ouça os ruídos característicos de fábricas

de aviões, é preciso preliminarmente a formação na nossa mocidade, em particular, e no povo, em geral, de uma mentalidade aeronautica. É esta a grande e primordial função do Aero-clube. Ao lado de sadio esporte que proporciona, o aero-clube cumpre as funções importantíssimas de vulgarizar, popularizar a aviação, de preparar a nossa reserva aeronautica.

A importância do aero-clube na vida nacional avultada pelo decreto 1735, de 3 de Novembro de 1939, que entre outras determinações sobre o ensino militar, criou os Centros de Preparação da Reserva Aeronautica, sendo condição essencial para o ingresso nesses Centros, a posse do brevet obtido em aero-clube civil. O aero-clube é portanto a ante-câmara desses Centros.

Se verdade é que, os aviadores civis, já constituem reservas aeronauticas, a criação dos C. P. R. A. nas condições acima faladas, vem tornar essas reservas adextradas na pilotagem de aviões de guerra, e portanto constituir uma reserva mais sólida e eficiente.

Em número de 37 são os aero-clubes que possuem cursos de pilotagem. São 37 núcleos de idealismo. São Paulo possui 15 ou mais aero-clubes e escolas particulares de aviação. Campinas, Garças, Rio Claro, Pindamonhagaba, Baurú, Taubaté, Santos, Uberlândia, Piracicaba, Limeira, etc., têm diariamente seus céus, percorridos por aviões dirigidos pelos pulsos enérgicos da mocidade.

Minas Gerais, Maranhão, Ceará, Santa Catarina, Paraná, Goiás, Baía, têm os seus aero-clubes, com lindos aviões e escolas de pilotagem em pleno funcionamento e progresso. No Rio Grande do Sul, a "Varig Aero Esporte", desenvolve extraordinárias atividades, com seus cursos de vôo a vela e a motor. As suas atividades não se limitam a Porto Alegre, estendem-se

a Santa Maria, Bagé, Rio Grande, Nova Hamburgo e Santa Cruz.

Para isso concorrem o Aero-Clube do Brasil, auxiliando eficazmente os seus filiados e exigindo condições mínimas para a filiação de qualquer associação aeronautica, o Governo Federal, distribuindo independentemente de qualquer onus, aviões aos diversos aero-clubes filiados e finalmente o esforço, dedicação e sacrificio de um grupo de idealistas, que compreendem estar o nosso progresso dependente da aviação, que em nosso caso é a melhor e talvez única solução satisfatória do problema do transporte.

No Rio de Janeiro temos o Aero-Clube do Brasil, centralizando e dirigindo o movimento aeronautico nacional. Este ano as instruções da Escola de Pilotagem, foram iniciadas com 71 alunos.

Vemos portanto que enorme é o progresso da aviação no Brasil. Constantemente, dezenas e dezenas de jovens recebem seus brevets, e novas azas erguem vôos.

Foi de um desses grupos de idealistas que surgiu finalmente o Aéro Clube de Pernambuco. Está coroadado de êxito o trabalho persistente, que durante dois anos foi realizado pelos pioneiros da aviação esportiva em Pernambuco.

Dentro em pouco tempo nós veremos chegar ao campo do Imbura o NOSSO AVIÃO. Quanto trabalho anônimo, quanto esforço para que possamos finalmente ao ouvirmos o ronco do motor de um avião, olharmos para o azul e dizermos com orgulho: **lá vai o avião do Aéro Clube de Pernambuco.**

O nosso clube vencera. Vencerá porque como penhor desta vitória nós temos não um alicerce feito de ouro, mas um alicerce de renúncias e sacrificios, um alicerce formado pelas lições eloquentes do presente e pela compreensão da situação da vida estadual na vida nacional e desta na vida mundial.

Entretanto sabemos que a campanha e a vida do Aéro-Clube será ardua, será difícil. Mas os frutos que encontramos caídos à beira do caminho, ao alcance fácil de nossas mãos, não têm o sabor d'aquêles que são colhidos nos galhos altos das arvores, depois de uma subida cheia de dificuldades.

E se por acaso o desânimo quizer nos abater, lembremo-nos as seguintes palavras que sobre Mermoz disse um grande escritor: "Mermoz ensina a mocidade de hoje estas duas lições sublimes: a vida nada vale se não empregarmos em atos de heroísmo; a vida torna-se indigna, quando ela não se põe a serviço da Pátria porque então ela se torna uma vergonha que se acumula em cada minuto de imparcialidade deante do Mal e do Bem."

O SINDICATO E SUAS FINALIDADES

Silvino Lyra

VII

ASSISTÊNCIA ECONÔMICA

A assistência econômica, deve ser subordinada ao próprio espírito solidarista, caracterizador dos agrupamentos de indivíduos, que se reuniram por imposições psicológicas decorrentes de ansiedades idênticas, originárias da mesma situação e meio de vida. (1)

Está bem claro, ter o Sindicato surgido nas cidades em face do industrialismo que reuniu as grandes massas proletárias, provocando uma associação psicológica e voluntária entre os companheiros da mesma profissão ou da mesma fábrica, ora para trocarem idéias, divertirem-se, beneficiarem-se pelo auxiliar recíproco, ou então, para defenderem-se contra as organizações do capital. (2)

A bem dizer, a reação foi a sua primeira manifestação, intensificando a luta de classes, como vimos em observações anteriores.

É mister, entretanto, o aproveitamento dessa solidariedade não mais para as contendas, e sim no sentido do amparo aos elementos que o integram, na visão de satisfazer o seu interesse material, procurando os meios necessários á amenizar a luta pela vida.

Assim, a assistência econômica se torna imprescindível. Uma necessidade urgente de ser levada a efeito pelos órgãos de classe. E inúmeros são os motivos que a impõem, sinão, vejamos.

Incontestavelmente o obreiro carece de uma certa despreocupação quanto às suas reivindicações materiais para uma melhor execução de sua tarefa, e um fácil cogitar das coisas transcendentais, únicas capazes de minorar as dores das feridas morais originadas dos sacrifícios exigidos pela existência. Ora, é natural que o homem preocupado com a insatisfação de um salário e vendo a miséria no seu lar, a fome nos filhos, não poderá jamais, preso às contingências materiais de sua vida atribulada, preocupar-se com as coisas do espírito, visto que o seu estômago reclama intensamente o pão, em benefício do corpo. Miserável, faminto, desamparado, o homem será sempre um revoltado incompreensível e um grande incompreendido. E a destruição desse espírito de revolta que vai em todos os corações cheios de angústia dos homens injustiçados na distribuição dos bens terrenos, é premente. A assistência econômica individual e familiar, vem de pronto, eliminar pela satisfação imediata duma necessidade, pelo menos temporariamente, esse sentimento um tanto egoístico, quasi sempre originário dos desejos insatisfeitos quando julgados irrealizáveis. (3)

Esta assistência, todavia, deve ser ministrada sem provocar o nascer do espírito parasitário, natural a certos homens.

É preciso que ela assuma um caráter de estímulo, importando em compromisso cuja insatisfação resulte em prejuízos aos elementos infratores das condições de obrigatoriedade que a asseguram.

O código de honra de trabalhador formando-lhe um caráter incorrutível, de certo será um elemento disciplinador das tendências, e um eficiente orientador das atitudes dos beneficiados.

Conclue-se, que a assistência econômica poderá ser processada através de auxílios ás famílias numerosas, e, ainda, graças ao melhorar do padrão de vida por intermédio das cooperativas de crédito, de consumo e produção, além de um salário justo, que, quando não o permitam as condições do estabelecimento ou a situação financeira do empregador, as obrigações para com a coletividade por parte de indivíduos que possuem direitos em excesso, preencherão, em grande parte, os claros para a execução real dos auxílios nomeados.

Órgãos de Estado, os Sindicatos poderão patrocinar os meios de provocar a diminuição das responsabilidades de elementos assoberbados delas. Mais claramente, podemos nomear os meios capazes de levar a efeito tão nobre objetivo, o que faremos na parte seguinte, quando tratarmos da assistência social.

VIII

ASSISTÊNCIA SOCIAL

“A família é um centro de gravitação sentimental”.

Nela é que o homem começa a tomar o conhecimento de sua personalidade, e tem a sua própria projeção no tempo.

O bem da família é fator necessário ao bem estar social, e a razão de ser do seu próprio equilíbrio.

Por isto, a assistência social por parte dos Sindicatos, deve ser realizada objetivando a família como célula social, e onde somente será possível o realizar do equilíbrio ansiado pelo obreiro. Aí, ele encontra o conforto que nenhum Estado lhe poderá oferecer.

Portanto, o amparo distribuído pelo Sindicato aos seus componentes, deve ser realizado com a visão do bem estar da família proletária.

Dos meios à sua realização, sobressaem dentre muitos, alguns como os adiante indicados, que fazem ressaltar a eficiência do auxílio a família ora discutido.

Escotismo
PROLE Escolas profissionais

Escolas de Alfabetização
Assistência médica a sócios e famílias
Assistência dentária
Caixa de pecúlios
Caixa de doenças
Assistência hospitalar
Diversões, etc.

De maneira generalizada, mais adiante estes meios serão estudados, bem como o modo pelo qual será possibilitada, a sua manifestação real, sendo particularizadas, também a atividade específica por cada elemento apontado. Por ora, um estudo rápido fará saltar aos

(Continua na página 30)

O QUE É O ESCOTISMO AGRÍCOLA

OSWALDO GUIMARÃES

O Prof. Agamemnon Magalhães, falando acerca dos problemas políticos, econômicos e sociais que agitam o mundo, os agrupamentos, as nações e perturbam o ritmo das regiões envolvidas e assoladas por esses diversos fatores de crises sociais, disse que era preciso «reformatar o homem». Evidentemente, isto constitui uma verdade insofismável e que por isto mesmo carece tomar um sentido bem profundo de objetividade.

Realmente o mundo contemporâneo nesse despertar de angústias, de dor, de ambição, de interesses antagônicos, está sendo vítima do próprio homem que desnordeado e na ânsia do impossível, busca a verdade na beleza efêmera das contingências materiais. Complexo também de duas forças antagônicas; sentimento e razão, coração e cérebro, o homem «vítima da liberdade, em luta com os outros homens, na concorrência dos negócios e do trabalho, perdeu o senso da medida e do termo da própria vida».

É preciso, portanto, uma contra-marcha nos seus impulsos e nos seus desejos. É preciso que o homem se aperceba da dor do próximo, sinta os efeitos da sua ação contra os outros homens. É preciso um remédio eficaz, embora o organismo esteja quase todo contaminado por esse mal estar profundo e estonteante. Entretanto, evitemos ao menos que a doença se propague aos outros organismos. A custa de um tratamento seguro e sistemático, preparemos o homem para viver agregado ao seu habitat e aos seus semelhantes por força da solidariedade humana e espiritual.

A Campanha Escotista, criada em Jaboatão pelo soldado e estadista que é o General Newton Cavalcanti, outra coisa não é senão essa constante preocupação de se criar na alma do brasileiro de amanhã, a imagem do seu criador, impregnando-a com as verdades eternas, para que assim o homem de futuro, modificado pela educação, pelo amor ao trabalho, respeitando conscientemente o bem alheio, acatando as autoridades como emanadas do poder divino, possa construir uma civilização cristã, podendo então viver sem receio da indiferença e do alheamento do próprio homem, como viviam antigamente os grupos.

O Prof. Agamemnon Magalhães, referindo-se ainda, aos acontecimentos que se desenrolam além-mar, disse que era preciso pensar nas Américas, pensando no Brasil.

Ora, pensar no Brasil, é preparar as nossas reservas. É fomentar as nossas fontes de riquezas. É abrir caminhos e construir estradas para escoamento dos nossos produtos. Pensar no Brasil, é criar uma mentalidade ruralista, vivendo sem artificios, produzindo na maior e na melhor qualidade dentro da técnica e dos preceitos da ciência. Evitar a retirada sempre constante do homem do campo para as grandes cidades, é pensar no Brasil. Criar em cada zona sertaneja um Centro de trabalhadores juvenis, que saibam cantar o Hino Nacional e que em passos cadenciados vibrem com o coração cheio de ardor patriótico nos momentos nacionais, é também pensar no Brasil. Finalmente, pensar no Brasil é formar uma juventude disciplinada, criando em torno dela uma mística, para que o Brasil possa ser grande, forte e poderoso, podendo assim também realizar o seu destino histórico na América e no mundo.

Quando tudo isto acontecer, devemos então dizer que pensamos no Brasil, porque doutra maneira não se concebe pensar no Brasil, sem se pensar nas suas riquezas adormecidas e nas suas grandes possibilidades.

Conseguido este objectivo, podemos afirmar e confiar no efeito daquele milagre — «a reforma do homem». Esta reforma o escotismo agrícola realizará com a sua doutrina e com os seus princípios, que são fontes edificantes de renúncia, de amor, de sacrifício e abnegação — a serviço de Deus e da Pátria.

Em Pernambuco existe um bom clima — o escotismo. Aqui está se formando uma juventude disciplinada, cheia de ardor e que acredita no futuro e na eternidade da Pátria.

Eu creio em Pernambuco, porque sinto a sinceridade dos seus filhos. Creio no sentido doutrinário dos seus homens

públicos. Creio e confio na mocidade que marcha em busca da sua fé e da sua grandeza. Fé que nos formou e que há de guiar as nossas aspirações até a consumação dos séculos. Grandeza territorial que havemos de defender palmo a palmo, sejam quais forem os sacrifícios.

Ao escoteiro de hoje, homem de amanhã, fica reservada esta tarefa; ocupar os nossos campos desertos, extrair as nossas riquezas, preparar a nossa independência econômica pelo cultivo da terra, sanear o ambiente social, conquistando um habitat propício ao desenvolvimento de suas tendências, enfim, a ele fica reservada a «reforma do homem».

A CAMPANHA ESCOTISTA DE JABOATÃO

CESÁRIO DE MELO

CAMPANHA magnífica e benemérita, impregnada de um profundo e sadio civismo, toda ela orientada na salutar preocupação de despertar as energias juvenis no amor ao trabalho, à ordem e à disciplina, no culto do Brasil.

Neste instante de tão pesadas sombras envolvendo o mundo, em que o homem aturdido parece haver perdido o roteiro do seu destino, quando a estrutura da civilização cristã está ameaçada de decomposição, o problema da educação da juventude expressa uma alta relevância, significa uma inadiável preocupação do poder público.

Nela repousa a segurança da unidade da Pátria, do seu progresso e da sua situação no concerto das nações cultas, principalmente, nesta hora de tão graves decisões em que são postos em prova, a honra, o caráter e a dignidade dos povos livres.

O movimento escotista que se vem verificando em Pernambuco, cuja expressão eloquente é a Concentração de Jaboatão, dirigida pela inteligência moça e pelo patriotismo sincero de Oswaldo Guimarães, demonstra inequivocamente que um sentido mais real e mais brasileiro começa a nortear a educação dos nossos jovens. Recuada no nevoeiro dos tempos está aquela conceituação que informava a pedagogia da mocidade brasileira. Puramente livresca e acadêmica, desambientada da formação e da vida social da nossa gente, calçada nos mestres e nos exegetas estrangeiros, ela estruturava uma cultura sem raízes nas fontes históricas do nosso povo.

E, é por isso que «a inteligência brasileira foi levada, pelo verbalismo, para longe da vida», como criteriosamente fez ver o sr. Rômulo de Almeida.

Compreendendo este imenso erro, a Campanha Escotista em Pernambuco fundamentou a orientação da juventude sobre a sua tutela na educação rural.

Pais essencialmente agrícola, cuja balança econômica oscila co'a maior ou menor produção de suas terras, o Brasil estava exigindo uma cultura especializada e técnica que orientasse as suas elites nas maiores possibilidades de melhoria da sua vida agrária.

A vertigem do mundo dos nossos dias, a máquina dando à vida uma celeridade estonteante, o homem perdido num «rush» de idéias as mais contraditórias, impunham à existência uma noção mais próxima da realidade dos fatos, determinando aos povos uma educação essencialmente técnica, liberta daquele romantismo acadêmico.

É sobre esse plano de pedagogia racional, acordando no espírito juvenil a emoção pela terra, incutindo no seu cérebro um conceito positivo e real das coisas da Pátria, completamente diversa daquela velha e falsa concepção «porque me ufano do meu país», que a campanha de escotismo neste Estado se afirma.

(Cont. n.º pag. 32)

FILOSOFIA DO MUNDO INORGANICO

Crésó Teixeira

IV

HILEMORFISMO

E' Éste o sistema coerente com os princípios da cosmologia escolástica. Suas idéias fundamentais se encontram nas três proposições seguintes:

1) — Existem, no mundo, seres dotados de unidade essencial, especificamente distintos uns dos outros, naturalmente extensos;

2) — Estes seres possuem forças ativas e passivas que emanam do seu fundo substancial e lhe ficam indissolavelmente unidas;

3) — Têm uma tendência imanente para certos fins especiais, a que são chamados a realizar pelo exercício de suas energias nativas (Nys).

Foi Aristóteles o maior filósofo dessa doutrina. Sto. Tomaz supriu-lhe as deficiências.

Reconhecia o estrategista, na substância corpórea (capaz de transformar-se) dois princípios substanciais: — a matéria ("matéria primeira") e a forma. Esses princípios são mutuamente dependentes. E a prioridade (só possível na ordem do pensamento) deve caber logicamente à matéria.

Mas esta, aqui, não se confunde com a extensão, como no mecanismo. É simplesmente o "com que" as coisas são feitas. Um "não-sêr", como diz Platão. Representa um estado particular dos seres corpóreos, uma "imperfeição relativa", que quasi tudo espera da forma. Todavia, não possui nenhuma das notas profundas que especificam esses seres. Pois se encontra invariavelmente livre de toda e qualquer determinação substancial.

A matéria ocupa, efetivamente, o último lugar na escala das perfeições criadas. E isso em virtude mesmo da sua indeterminação como da sua extrema passividade. Incapaz de existir por se mesma, só pode existir por outra coisa — pela forma. Sem esta, a matéria seria uma "não-coisa". É a forma o princípio ativo que a determina, que a atualiza. Pois, em si, a matéria é puramente passiva e absolutamente indeterminada, como fizemos vêr. É apenas a possibilidade da forma, de futuras formas. E por isso pode sêr eterna.

A forma, entretanto, não se restringe ao aspecto exterior. Pois é, a um tempo, a força modeladora e o impulso interno que vem dar à matéria bruta uma feição e uma finalidade específicas.

A matéria (primeira) possui o não-determinado, o potencial. Age como a potência na constituição da es-

sência corpórea. Não tendo valor algum "em ato", está no entanto presente em todos os corpos, "em potência". Pois individualizada por alguma determinação, é a causa primeira da individualidade das coisas. E, portanto, dos caracteres que as definem.

Aliás, essa idéa que despertou com Aristóteles, já passara, ainda que de leve, pela mente de Anaxágora. Pois éste dizia, em tom concludente, que "si tudo não estivesse em tudo, nenhuma coisa poderia surgir do nada". E daí deduzia, consistir o princípio material que entra na constituição dos corpos, em uma mistura infinita de todas as naturezas e de todas as qualidades, de modo a que cada partícula corpórea contenha em si elementos de todo o restante do universo (Maritain). A esses elementos dava Anaxágora o nome de "homeomérios". E para melhor explicar as coisas, chegou a conceber a coexistência de duas causas — uma "eficiente" e outra "final". E nisso foi plenamente confirmado pelo célebre estrategista.

A forma, ao contrário, só encerra em si o determinado e o atual. É a realização dessa aptidão potencial da matéria, isto é, o ato primeiro que informa a matéria. Ou, o aperfeiçoamento substancial de que ela carece para tornar-se um corpo natural.

A forma é, assim, a idéa viva da coisa, como que a sua alma, a "soma das potencialidades existentes em alguma coisa a fazer, a ser, ou a tornar-se" (Durant). É ela que vem dar atualidade à matéria primeira, originando o sêr. Só assim se torna cognoscível o que antes fôra, como puro potencial, diretamente imperceptível.

Com efeito, a matéria primeira não pode ser atin-gida pela inteligência, sinão através do raciocínio ou da análise das transformações substanciais, isto é, mediata-mente. É o conhecimento pela razão apenas. Só o corpo, concreto e determinado que é, compôsto de substância e acidente, pode cair sob as nossas percepções sensíveis e ser, dêsse modo, objeto da imaginação. Esse o grau de cognoscibilidade da matéria primeira.

Convém ainda ressaltar, de acôrdo com essa teoria, a existência de duas espécies de determinação. De um lado, temos a "forma accidental" (acidente), como o calor, o pêso específico. São caracteres aparentes que diferenciam cada espécie universal. Do outro, vamos encontrar a "forma substancial" (ou ato primeiro), princípio específico das essências corpóreas. É por esse princípio atual, unindo-se à matéria primeira (princípio puramente potencial), que se constitui a substância corpórea. Ou, como disse Nys, que a matéria comum torna-se uma espécie determinada de corpo.

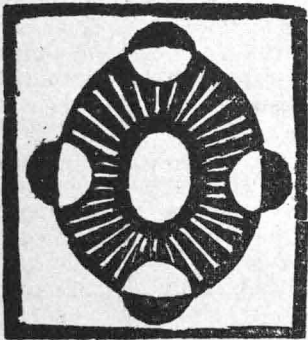
Uma outra característica a assinalar, nesse sistema, é o fato de não desprezar a realidade da matéria, como o energetismo. Nem a da extensão, como o queriam Leibiz e Boscovich. Aqui, essa teoria se coaduna com o pensamento dinamista de Hirn. Enquanto as qualidades, relegadas pelos mecanistas, reassumem a importância que lhes é devida.

Em conclusão, podemos dizer que o hilemorfismo faz, entre os corpos, e contrariamente ao mecanismo, uma distinção essencial. Mesmo nos corpos inanimados, bem como nos vivos (irracionais), essa doutrina vai encontrar um princípio substancial imaterial. Esse princípio, entretanto, não se confunde com o "espírito" propriamente dito. Pois não tem, como vimos, uma existência própria.

(Conclue na pag. 26)

CAMÕES E AS ESCOLAS POÉTICAS

Eduardo de Carvalho



S poetas devem ler-se em voz alta. O som das palavras, a sua disposição, o seu encadeamento, sugerem, muitas vezes ainda mais do que a sua própria significação, o que o poeta deseja transmitir-nos. A poesia é irmã da música: uma arte feita para o ouvido, que através do ouvido cria dentro de nós as imagens, sem necessidade, muitas vezes, de as fixar nos termos que convencionalmente as formam.

As palavras, talvez pelo facto de sempre as ligarmos a certas idéias e sentimentos, adquirem uma fisionomia especial, um timbre que se ajusta a sensações determinadas. São por si só evocadoras, gráficas, digamos assim, descritivas e sintéticas.

E não só as palavras: até as letras. O instinto dos povos não cria os vocábulos a troixe-moixe, arbitrariamente. Mesmo os que não são onomatopaicos possuem uma sonoridade representativa, que projecta logo no espirito um quadro, nos dá uma visão especial inconfundível, nos apresenta um aspecto da nossa existência e do mundo que está vivo em nós, ou simplesmente numa vaga recordação, num sonho inexprimível.

Veja-se, por exemplo, a vogal i, que nós ligamos quase constantemente a idéias ternas e risonhas; a consoante d, que aparece como inicial de tudo quanto representa força, orientação, império...

E tanto nos habituamos a esta correlação íntima entre as palavras, as letras e as noções por elas figuradas que sofremos um desapontamento quando a significação daquelas e a pronúncia de certas vogais não corresponde ao que esperávamos.

Assim eu, lendo o francês *japper*, pensei naqueles movimentos do cão à nossa rodá, quando quere manifestar o seu júbilo ou fazer-nos mudos pedidos. E fiquei muito surpreendido quando vi que *japper* é ganir.

Igual fenómeno se deu com o inglês *girl*. *Girl*, pronunciado *girle*, traz-nos logo à imaginação a juventude, o movimento, a frescura, o sorriso. E sofremos até uma desilusão quando verificamos que essa palavra saltitante, brincalhona, cheia de todo o encanto da aurora, da esperança, da primavera, é desfigurada por uma pronúncia catarrosa e átona — *gârle*...



E o mesmo se dá, naturalmente, dentro da nossa mesma língua.



Tendo feito reflexões parecidas com as expostas — mais profundas, é claro! — e outras de que me não chegou notícia, alguns vates do século XIX, preches de glória abafada e resolvidos a revolucionar as estéticas, botaram escola nova — cujo nome esqueci — inspirada e baseada em efeitos acústicos e onomatopaicos.

Mas tal escola nova era velha, como tudo quanto de novo tentamos. Desde que há poesia e poetas, souberam estes, pela intuição do seu génio e pelo sábio aproveitamento dos recursos verbais, tirar das suas composições os efeitos máximos.

Quem não conhece o valor, a natureza, a essência das palavras, o seu colorido, a sua peculiar entoação e os resultados maravilhosos que das combinações de sons, dos propositados choques de consoantes, da escolha das vogais pode tirar, não é nem pode chamar-se poeta.

Camões, grande poeta, usou do vocabulário como de um órgão imenso, de cujo registo fez irromper as mais variadas harmonias, desde o murmúrio límpido e suave das situações amorosas ao atroar bélico e ao estrondo formidável das tormentas, à altissonância, à grandiloquência das invocações e das suas largas, amplas descrições épicas — majestosos frisos em que o relêvo das palavras aumenta o vulto dos figurantes, em que o ressoar destas, a gama dos sons dispostos sinfonicamente, lhes dá um carácter de vida real, de presença — porque não? — cinematográfica.

Camões, como os que o precederam, como os que se lhe seguiram, não desconhecia nada. A única manifestação ino-

(Continua na pag. 28)

ANCHIETA PRECURSOR DA ESCOLA- NOVA NO BRASIL

Everardo Vasconcelos

(Continuação)

OS MÉTODOS

Anchieta foi o iniciador da *Escola Nova*, no Brasil. Aqui era demais o ensino do latim, e das outras disciplinas em voga na época. O necessário era ensinar a ler e a escrever a língua dos *perós*.

Mas, como ensinar? Livros, não os havia. Além disso, mediava grande distância entre o português e o nheengatú, a *língua-geral* dos bugres brasileiros.

Aplainada a dificuldade, Anchieta aprendeu o linguajar bugre, que tinha grandes afinidades com o basco, a sua língua materna. Fez dicionário. Passava as noites em claro, escrevendo cartilhas para os curumís, compondo catecismos e adaptando ao meio os trechos mais impressionáveis da História Sagrada. Assim, era mais fácil ensinar à bugrada. Falava-lhes na sua própria língua, ensinando-lhes o bom caminho, incutindo-lhes, aos poucos, uma idéia de pátria, o respeito à Lei, o amor ao próximo, o perdão para os inimigos. Dado o primeiro passo, fazendo-se compreender, Anchieta foi intercalando palavras portuguesas e castelhanas, preparando os «línguas» para os futuros colonos.

Os índios, crianças-grandes, facilmente impressionáveis, gostavam dos grandes aparatos. Anchieta notou este particular. Escreveu composições dramáticas — ou autos — que eram representadas pelos catecúmenos no Teatro arranjado no pátio do Colégio. Todos esses autos tinham um fundo moral: a vitória do Bem sobre o Mal, do Anjo sobre o Diabo, do Deus dos cristãos sobre os *espíritos béstas* das florestas.

Assim, sem o jeito moroso dos mestres burocratas, preocupados com o ponto, mas com o jeito de quem, perdido num deserto só devia prestar contas a Deus, Anchieta ia substituindo tupã, anhangá, manitô, por outras divindades mais bondosas. E a indiada ia compreendendo, o que era o essencial. Piás ingénuos e Morubixabas façanhudos...

Gramática, cartilhas, catecismos, composições dramáticas, discursos, práticas, toda uma literatura tupi foi criada por Anchieta para o serviço de catequese no Brasil. De tudo tiravam-se cópias para os outros educadores. Cadernos manuscritos, o que dava um trabalho insano. Tinta, havia de sobra. As cunhãs preparavam-na. Tinta fabricada com matéria corante de que é rica a flora brasileira. Tinta indelel, tão boa como as das inscrições e desenhos das cavernas e faces dos alcantis, expostas ao tempo só Deus sabe desde quando. Penas, forneciam-as as aves que abundavam nos nossos sertões. Papel é que era o problema. Havia. Mas, tão escasso que era quasi como se não existisse. Aproveitavam-se as costaneiras, retalhos da correspondência epistolar dos comerciantes, o couro cru ou as folhas secas da *pacóva*. Tudo quanto gravasse a escrita era aproveitado.

Os índios eram todos músicos. Imitavam com perfeição os variados cantos dos habitantes alados das nossas florestas. Nenhum ato, por mais alegre ou mais triste que fosse, dispensava a música. Borés, trocanos, inúbias, maracás, xuatês, cotecás, butoris, viviam num incessante *batecum*. Ora monótono e suave, ora saltitante e atoador, o instrumento indígena estava sempre em atividade, acordando a passarada, espantando caaporas, manitôs, sacis, curupiras e anhangá.

O *Pagê-quassú enxergou isto e inteligentemente, na primeira plana dos processos chamarizes da catequese, botou a música*. Escreveu músicas simples, estilo gregoriano, monódico, tão simples como a alma dos seus queridos bugres. Era um prazer ver a alegria da meninada. Anchieta organizava passeios. Saía à frente, roupêta fouveira sem caber mais um remendo, pés metidos em grosseiras alpercatas, a carunda cada vez mais saliente; atrás vinha a miúchalha das reduções, entoando os cantos. Os grandes, como magnetizados, iam-se juntando ao cortejo que por fim era um préstito respeitável.

Nóbrega, deslumbrado com os resultados dos métodos de Anchieta, escrevia entusiasmado ao seu superior, na Europa, contando-lhe que *só com a música e harmonia de vozes o irmão Anchieta se atrevia a atrair para si todos os índios da América*.

* * *

Foi de fato a música o fator preponderante na *redução* dos índios.

Canivetes, espelinhos, contas de vidro, anzoas, qualquer grosseiro colono poderia dar ao aborigene e com isto conseguir a sua amizade; porém não conseguiria torná-lo um obreiro do futuro.

Só a *escola-nova*, a *utilinda* de Anchieta, com o método de aprender brincando — método tão preconizado modernamente — podia transformar o índio em elemento útil à Pátria em formação.

(Conclue na pag. 30)



ÂNCORAS TARDIAS

GILDO DANTAS

*Eu quero um porto
Para amarrar este barco
Pesado de sofrimentos.
A viagem já vai longa
Eu tenho pressa em chegar ao meu destino.
Já ouvi o canto dos mares tranquilos,
A raiva das tempestades.
Já vi o ouro faiscante das auroras
E o poema iluminado das estrelas.
Estão me contando tantas histórias
De muitas Pátrias lindas.
E olhos macios de ternuras
Tentam esquecer a nostalgia do Distante.
Mas eu vou vendo o Ser Misterioso
Que nunca mais pude esquecer.
Porque estão me impedindo de receber a mensagem,
Endereçada ao meu coração?
E estas aguas são as lágrimas do meu pranto
Que vou chorando
Antes de ancorar o meu barco
Pesado de sofrimentos.*

WILLY LEWIN, TALVEZ NÃO TENHA RAZÃO...

Guerra de Holanda

“O espírito irônico e o espírito poético se repelem. A ironia é essencialmente racional. É mesmo o requinte do racional. Ora, o poeta é o tipo do que se deslumbra, do que acredita em “mágicas”.

Eça de Queiroz tentou a poesia e só conseguiu pastichar lamentavelmente Baudelaire. Machado de Assis fez versos e foi um máu-poeta. Nada mais lógico, tratando-se de ironistas tão perfeitos, tão viscerais. Um poeta não pode ser isso que o mundo chama de “inteligente”. Um poeta não é um inteligente. Um poeta é um mágico. Um poeta não analisa o mundo, transfigura-o” (Willy Lewin, “RENOVAÇÃO”, ano II, n.º 2, pag. 22, “De um diário de poesia”).

Aceitei, de início, o conceito de “poeta” que Willy Lewin nos ensina. Relendo, no entanto, em estudo, POESIAS ESCOLHIDAS de Manuel Bandeira, fiquei em dúvidas: Ou Willy Lewin tem razão e Manuel Bandeira não é poeta, ou pode haver conciliação perfeita entre o racional e o poético. E, nesse caso, Willy Lewin está em erro porque dogmatizou: “o espírito irônico e o espírito poético se repelem”. Vejamos uma imagem de Bandeira: “Mangue mais Veneza Americana do que o Recife.” Onde, em todos os seus poemas, mais poesia? “Deslumbramento”. “Transfiguração” total. “Maria” admirável de olhos que vêem, refletindo nas águas humildes do “mangue”, as gôndolas soberbas de Veneza. Milagre emocional. Maneira de olhar diferente as paisagens da vida. Onde, também, maior ironia? O “mangue” que tem mais “canais” do que o Recife, mais “pontes” do que o Recife, mais “perigração” de barcos do que o Recife, não é a Veneza Americana. Por quê? Está mais do que claro: no “mangue” não há arranha-céus gigantescos, nem catedrais suntuosas. Não há capitalistas, nem banqueiros, nem intelectuais, nem canhões. O “mangue” é miserável. É “mangue”. Não pode ser, nunca, a Veneza Americana. Leiam “Gêsso”. E a ironia amarga de “não sei dansar”. “A pensão familiar” onde um “gatinho que faz pipí” “é a única criatura fina da pensão burguesa”, Que beleza é o “cacto”! “Era belo aspero intratável”. “Pneumotorax” é outra ironia dolorosa. “A vida inteira que podia ter sido e que não foi”. Não pode haver poesia mais admirável destemida, e, sobretudo, irônica do que “Poética”. “Estou farto do lirismo comedido... do lirismo bem comportado”... etc. É impossível, por falta de espaço, transcrever, aqui, todo esse poema.

Leiam-no, contudo.

Poema tirado de uma notícia de jornal” é outra coisa “poética” e “irônica”. “Oração a Terezinha do Menino Jesus”, muito bonito! “Perdi o geito de sofrer. Ora essa. Não sinto mais aquele gosto cabotino da tristeza. Quer alegria”! E “andorinha”?... “Andorinha lá fóra está dizendo: — “Passei o dia a-tôa — a-tôa! “Andorinha andorinha minha cantiga é mais triste! Passei a vida a-tôa — a-tôa”! “Madrigal tão engraçadinho”... Há quem não entenda esse poema. É natural... há também quem ande de quatro pés e puxe carroças!... “Ainda existem mulheres bastante puras para fazer vontade aos viciados”. O único poema de Bandeira, talvez, em que ele não tenha sido “irônico”. A ironia cética, a pungente máguia de “Oração a Nossa Senhora da Bôa Morte”. Resignação, fé ludibriada. “Que eu sei o avêssô das alegrias”. “Tudo que viesse, viria tarde”. “Momento num café”, admirável! “Conto cruel”. Ao português falta um adjetivo para qualificar “Conto Cruel”. “É mesmo o requinte do racional” porque é a ironia trágica, ferina, causticante, horrivelmente cética, como toda ironia que sai dos lábios de Manuel Bandeira homem “inteligente” e homem “mágico”. A poesia e a ironia estão abraçadas no coração deste grande poeta.

Leiam-no!

Willy Lewin, talvez, não tenha razão...



Monteiro — Homenagem á Watteau

A T R A V É S

“O BRASIL QUE EU VI”

Autor **WOLFGANG HOFFMANN-HARNISCH**

TEMOS, já, assinalado nestas páginas o sentido dos livros de estrangeiros em nosso tempo, sobre o Brasil. Enquanto os livros do passado, caluniavam e agouravam a nossa organização social, os de hoje, pelo contrário, são livros de entusiasmo, de fé, de verdadeiro estímulo.

Contrapondo-se aos conceitos acabrunhantes do século passado, temos, hoje, as opiniões valiosas de **Roy Nasch**, **Keyserling**, **Luc Durtain** e agora de **Wofgang Hoffmann-Harnisch**, da Universidade de Berlim, que afirmam a nossa capacidade de pôvo e a força com que o Brasil está impondo-se aos olhos do mundo.

Harnisch compreendeu, profundamente, o nosso país. Penetrou desde o sentido particular que se colhe nas entrelinhas dos dados estatísticos até os grandes fatos históricos, num entusiasmo sentimental pelos nossos feitos, como se fosse um brasileiro qualquer, no sagrado sacerdócio do **ufanismo**, que muitos ridicularizam.

Começa pelo Rio de Janeiro “o mais belo dos pórticos”. Vê o nosso “catolicismo tropical” no rico colorido das igrejas. Como bom alemão não deixa de soltar, sempre, um detalhe desconhecido da nossa história. Segue-se o que ele chama a “guerra perpétua do Brasil”, contra as cobras, o Instituto Butantan.

Fala em S. Paulo. Admira o seu poder que “provém de forças magnéticas, de forças inatas ao homem desta terra”, o que referimos freqüentemente nestas páginas.

Em seguida refere-se à nossa literatura, num esboço apressado, porém, que assinala as principais facetas de nossa vida literária. Vem, então um estudo meio romanceado sobre o café. Muito interessante e cheio de observações notáveis.

Seguem-se “Na selva”, “Bandeirante do ar”, Santos Dumont, “Ouro-Preto, alma do Brasil”, “Baía” e finalmente um estudo socio-filosófico sobre o Brasil em conjunto.

Este último é exclamativo. Enche-nos de orgulho. **Harnisch** penetrou, agudamente, em nosso substrato sentimental. E soube compreender as nossas deficiências e o sentido relativo de nossas inaptidões. É um manifesto de fé, de crença em nosso destino missionário. Fala, mesmo, admirando nossas realizações, em um “Milagre Brasileiro”. E crê no sentido revolucionário de

nossa existência. Afirma: “O Brasil revoluciona as concepções de espaço, quantidade, força”. Mais adiante: “O Brasil com as riquezas imensas, com a sua posição privilegiada, desempenhará ainda na vida cultural e econômica do mundo, um papel de importância tão grande que **revolucionará o mundo**”.

É incalculável a alegria que nos invade quando lemos palavras valiosas, autorizadas e insuspeitas como estas. Não que não as esperassemos. Mas, como atestado indiscutível, capaz de calar a muita gente descrente a desvirilizada por um intelectualismo feminino, de que o Brasil tem de ser uma pátria forte, uma nação máscula.

Hoffmann-Harnisch voltou à Alemanha fascinado, e, com uma nova concepção do mundo. Não sómos para menos.

Em resumo: “O Brasil que eu vi” é um bom livro, escrito numa linguagem suave e clara que nem parece ter sido escrito por um alemão.

A Cia. de Melhoramentos de São Paulo, editando-o prestou um grande serviço à nossa gente. Damos os nossos louvores.

Augusto Duque

NOÇÕES DE HISTÓRIA DAS LITERATURAS

Autor **Manuel Bandeira**

NAPOLEÃO meditando sobre a história da França, disse: “A nossa História deve ser escrita em quatro a cinco volumes ou em cem” (1).

Quantos volumes não exigiria para a história das literaturas?

Para evitar um tal dilúvio, um simples volume, como acaba de publicar a Editora Nacional, de São Paulo, de autoria do poeta Manuel Bandeira, seria uma síntese ideal.

Todavia, o mais sério defeito desses resumos, noções ou sínteses, consiste nos detalhes sobre a ferida do pé do poeta, e sua miserável morte no abandono, que contrastam com as sínteses por omissão, com os “raccourssis” demasiados a ângulos vivos que frisam com deformação.

Devemos apreciar não obstante a corajosa iniciativa de Manuel Bandeira de colocar ao alcance da inteligência e da bolsa dos estudantes do Externato Pedro II, uma matéria vasta e tão difícil a destriçar.

Como dizíamos acima, certas sínteses por demais simplistas não satisfazem, e é o caso da parte relativa a literatura brasileira, “Correntes modernas”, onde o autor parece afirmar que, todo êsse belo florescer da mo-

O S L I V R O S

derna literatura nacional surgiu de uma visita fortuita de alguns rapazes de São Paulo a uma exposição de pintura de Anita Malfatti.

Assim inicia Manuel Bandeira, o capítulo das correntes modernas: "O modernismo brasileiro começou pelas artes plásticas. Em janeiro de 1916 a pintora Anita Malfatti realizou em São Paulo uma exposição de pintura, na qual além dos seus quadros, influenciados pelo expressionismo alemão, apresentava algumas telas de cubistas estrangeiros".

Não aceitamos esta versão por mais simpática que ela pareça às artes plásticas, esta introdução sonora, assemelha-se algo à descoberta do Brasil: "Navegava Cabral para as Índias quando, para evitar calmarias da costa d'África afastou-se tanto delas que foi avistar do outro lado do ocidente uma terra desconhecida".

Todavia, a descoberta por acaso é legítima e oficializada nos compêndios de história; talvez a história tenha razão: mística e poesia não se explicam.

V. M.

(1) — Memorial de Saint Hélène.

À MARGEM DE UM LIVRO DE CRONICAS FRIVOLAS

WILLY LEWIN

Altamiro Cunha é o que já fui há cerca de doze anos: cronista mundano. E acaba de fazer o que nunca me passou ao menos, pela cabeça: publicar em volume algumas das suas crônicas.

Não registro esse fato me insinuando «superior» ou «mais sério» do que Altamiro. Os que me conhecem mais intimamente bem sabem que para mim não há assuntos que não sejam ou não possam ser «sérios». Sou menos um clássico do que um romântico. Ou de que um poeta, si preferirem. Também sei amar os «dessus de porte, toiles de saltimbanques», de que nos fala Rimbaud.

Não tenho, pois, nenhuma razão profunda contra os que fazem crônica mundana — onde a poesia pode respirar tão livremente como em qualquer outra atmosfera — do mesmo modo que não me arrependo de nenhum assunto de que tratei quando era cronista de frivolidades. Si de alguma coisa me arrependo é da maneira, do «espírito» com que os tratei.

Altamiro publica o seu livro com uma absoluta «inocência», uma absoluta convicção. Não tenho o menor desejo de sorrir quando o ouço falar de mulheres, tecidos e perfumes sofisticados neste 1940 cheio de angústias e de flagelos. O que sinto é uma pungente melancolia.

Imaginem que um amigo — rico, viajado, feliz — viesse visitar-me e, enquanto os rádios da vizinhança desfiassem os últimos comunicados da guerra, esse amigo, acesse um cigarro e começasse a dizer-me com volubilidade: — Evidentemente não saberia descrever-te certos crepúsculos à margem de lagos serenos ou certas «vilas» do Mediterrâneo rodeadas de ciprestes... Em Biarritz quando... Em Deauville, por ocasião... A propósito, as mulheres mais belas de toda a Europa creio tê-las encontrado em...»

Imaginem isto e me digam si não dá para apertar o coração. Pois o Altamiro nos fala dessas amenidades, desses repousos, dessas coisas remotíssimas.

UM CRONISTA MUNDANO

Antônio Rangel Bandeira

Não sei se eu tenho ou se não tenho olhos para a crônica mundana. O que eu sei é que Altamiro Cunha é um cronista mundano. Um homem que vive preocupado com "as estilizações de Chanel", com "o perfume sutil das folhas de Rocaille", com as criações de Jean Patou e de Antoine, que ama a beleza das mulheres e que tem uma vida calma e sem grandes agitações. Mas, Altamiro não faz crônica da realidade. Faz crônica das suas fantasias e da sua imaginação. Vive sonhando com os mares do sul e vive numa cidade como o Recife onde o mar é despresado (o grande e verde mar) como o que sobrou dos rios. Se pensa na que algum dia virá com "um corpo agil de bailarina", logo cedo se desilude: "Fumo inúmeros cigarros e tu não vens". Tem o cronista alguma coisa de "anjo" nas suas confissões e nos seus conselhos. De "anjo", cujo desejo que tem, as vezes, de se tornar imoral, se inutiliza na pureza com que se refere aos mistérios do sexo, que transforma num verdadeiro misticismo quasi maometano De "anjo" que escreve sobre certos temas difíceis como o da página 99, do seu livro "Imitação da vida", com uma ingenuidade e com uma sinceridade que afastam o ridículo e o mozalesco do nosso cronista. Quando sente que "o vento que vem do mar traz o aroma da tua lembrança", não sabe o cronista, o cronista mundano e o mundano das garçonnieres que está amparado nos braços — que são também quentes — enloquecedores da Musa. Desta, si o cronista conhece os seus encantos mais secretos, não me parece. Os encontros que tem com ela são furtivos e rápidos. A Musa prefere as côxas de Venus. Uma Venus meio mulher, meio sonho. Uma Venus cinica que dança "os bailados dos gestos fatigados", que fica com os "cabelos despenteados como a ave satisfeita que alcançou o calor do ninho", para depois fazer o rimmel dar "brilho aos olhos cansados".

Acontece que as vezes — o que não é frequente — o cronista se preocupa com os namoricos suburbanos. Resultado dessa preocupação é uma crônica saborosíssimas "Quadro da noite azul", onde uma falsa Marília e um Dirceu de "atitudes engomadas", encham de assunto uma "ruazinha familiar".

São crônicas leves as de Altamiro Cunha. Escritas com sentimento, sem demasiada afetação e com uma continência no estilo, que sem atingir grande força de expressão, deixa nas entrelinhas sugestões que concorrem para afirmar a sua personalidade.

O excesso do — literário — que há no livro se não lhe aumenta o merito, também não lhe deprecia: serve apenas para nos revelar um inimigo dos literatos... Não sei se eu tenho ou se não tenho olhos para a crônica mundana. O que eu sei é que Altamiro é um cronista que me agrada.

UM POËTA PARISIENSE QUE AMA O BRASIL

VICENTE DO REGO MONTEIRO



EO Charles é o menestrel dos cânticos plásticos das belezas do Brasil.

Sua estada em nosso país marcou-o para sempre.

A nostalgia e o mistério das noites cálidas das nossas praias, do céu que funde-se com a mata, onde os vagalumes, estrelas fosforescentes, lutam de intensidade com os meteoros no espaço, concentram-se nos seus versos e fazem-no dizer:

Ó Musa do Brasil que tens os cabelos cheios de vagalumes de jasmims, de ouro, de estrelas e de olhares de crianças eu te amo, te adoro queimas o meu corpo.

Em outros versos suas saudades daqueles cantos ouvidos alta noite, de algum mago violonista, encontram forma musical e pictórica, assim:

Suas mãos sonhadoras acariciando o violão são duas nuvens — nuvens que choram.

Seus olhos interpenetrados da poesia tropical, ao deparar nas praias de Olinda, a joia viva do beija-flor, extasiam-se e descobrem um mundo desconhecido que se agita sob a varinha mágica do pássaro flor.

O mundo infinito dos insetos e dos pássaros, os feixes dos raios solares desenhando e silhuetando milhares de corpúsculos desconhecidos, nascentes, poentes, ocasos miríficos, fermentação e germinação, os tecidos líquidos das plantas, a mata que ondula seu aparelhamento ao sôpro do vento, entrechoca seus mastros linheiros, seus brandais, seus calabres de ovens de enxarcias de cordas de cipó, trançados como cordames feitos por marujos dalém mar.

Os olhos do poeta esportivo acordam para a vida misteriosa da mata brasileira e encontram a ceiva catalítica da flor que é a própria poesia.

O Beija-flor que os primitivos habitantes do Perú denominaram, pela beleza de sua plumagem, "cabelos do Sol", inspirou a Geo Charles um lindo poema, colorido como os ramalhetes e adôrnos confeccionados pelos índios mundurucus, com as peninhas multicores da pas-sarada nativa, e a do próprio beija-flor rubis-topázio, grenat, ametista, esmeralda, furta-côr, verde ouro, púr-pura e negro veludo.

O BEIJA-FLOR NA PAISAGEM

Geo Charles

O beija-flor dum vermelho desconhecido esvoaça tão rapidamente que se envolve de fino véu.

Ele bebe uma florsinha mais amarela que uma borboleta e do seu bico de coral partem gritosinhos A joia beija-flor vôa ao coqueiral que risca o azul do céu, de verde e ouro o caranguejo tão amarelo e branco como o canário abre seus olhos escuros.

Os pescadores negros voltam à sombra de grandes borboletas. Carregados de peixes côr de áras com reflexos de caramujos e barras de ouro matizam-os como o ocaso.

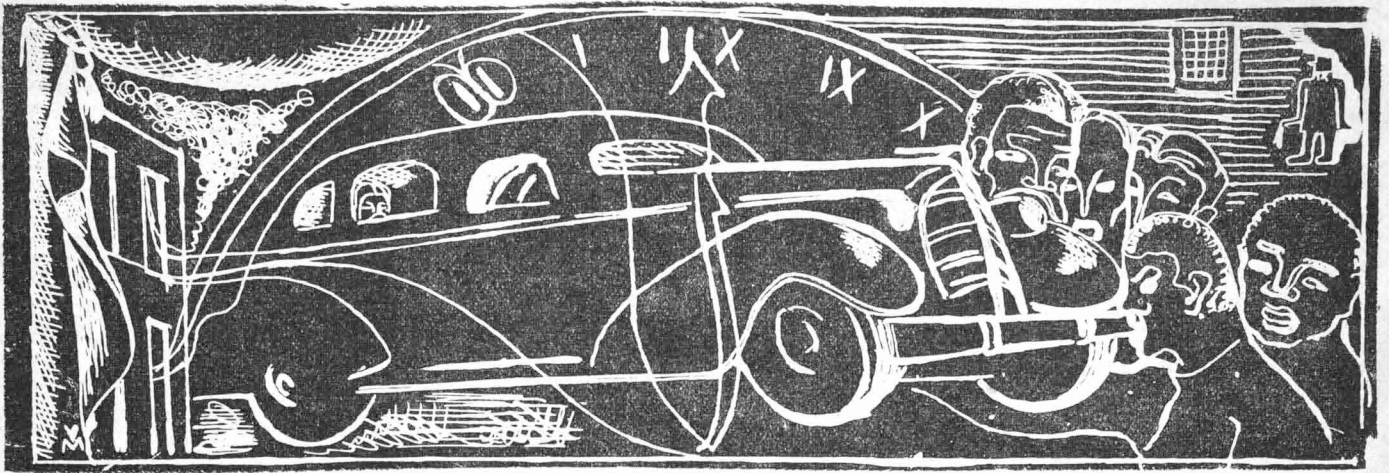
Os olhos dos peixes, redondos e negros, são angustiados na morte e envoltos de minium e ouro como os mártires dos Primitivos.

Vejo formigas de azas com os seus corposinhos de ánforas vcar maiores do que zangãos Vejo os coqueiros erguerem as cabeças na luz branca, alinhando suas finas pernas de corceis do Brasil espreitam trepidantes ao vento sob os seus pequenos penachos.

Um coqueiro isolado roda, como na Europa as azas dos moinhos de vento. As cigarras verrumam o silêncio o calor azul a verdura crespa Um escaravelho de cobre e hervagem pousa sôbre o meu ombro.

Um beija-fôr grande como uma libélula bica na flôr batendo azas Como é lindo. Meu coração pára.

Fiz a confiança de meu sonho às orelhas de ouro de exótica beleza de campainhas amarelas de folhas em espêlho e palmas agitadas num cenário teatral de cipós verticais de celestes zurrapas e Pontes de Arcadia.



... MAS OS LOUCOS GRITAM NOS PÁTIOS

Por Gonçalves Fernandes

NOVELA — Copyright de RENOVAÇÃO

(Conclusão)

Adiante o pretinho que viéra de Areia Branca tão gordo, está chagado da pelagra da cabeça aos pés. Mal pode sustentar a vida e ainda diz como no primeiro dia em que chegara:

Sou — o — ti — ro — tei — ro — da — areia — do — ouro! Papai me dá um doce! Papai eu quero sair!

Dantas sentiu vontade de sair, de ir se embora para muito longe. Naquêle dia nem remédios tinha na farmacia para aguentar mais um pouco aquelas vidas que se esvalam sem o socorro. A enfermeira tremeu as palavras quando disse que os remédios tinham acabado. Dantas deu o que tinha no bolso para ela mandar comprar mais.

— Do seu dinheiro?

Ela perguntou depois se era para os que estavam morrendo. Dantas disse que para aqueles não. Que desse aos outros que ainda podiam escapar. Podia ser que assim se segurassem até que resolvessem lhes dar remédio e comida. Para os outros? Para os outros, só mesmo a morte era o remédio.

Nos pátios uma quietude parecia agourar a morte que rondava pela enfermaria. Parecia que a propria loucura se comovera com a desgraça dos corpos dos agonisantes.

Foi o administrador que veio avisar. O superintendente e mais alguns funcionários graduados vieram visitar o hospício. Vieram ver os melhoramentos...

Melhoramentos. MELHORAMENTOS? Mas onde estão os melhoramentos, seu Augusto? perguntou gritando Dantas. Seu Augusto mexeu com os beijos mas não disse nada. Não achou de dizer outra coisa senão que estavam esperando o alienista. Antonio Dantas saiu devagar e foram as visitas que vieram ao seu encontro. O doutor Oliveirinha, intendente interino que substituiu Martins (o amigo do jornalista da cartucheira que fora demitido), pelo jeito chegava longe... O "super" virou-se para Dantas, bateu nas costas dele, olhou, muito superior e imponente para tudo aquilo, e sorriu triunfante. Sim, senhor, aqui está o hospital-colônia magnífico! (o magnífico abalou mais o alienista do que o sóco de Silvio) Correram as coisas bonitas do hospício como quem vê as curiosidades dum circo e depois decide se deve ou não ver as feras nas jaulas. Correram as coisas bonitas do hospício: os laboratórios onde quasi não se podia mais fazer exames, por falta de material, a farmacia impudica, de prateleiras nuas, o salão de visitas do sanatório, a sala médica, as plantações... As plantações. Ai todos param como para dizer: sim senhor! plantação de doídos!

O "super", muito superior, acende outro charuto. E como quem não tem nada para dizer e procura a graça besta ou a injuria disfarçada, boceja:

— Sim senhor, seu doutor Dantas! Então, tem matado muito doente?

Antonio Dantas olhou seu Pedro e seus olhos se fecharam em fresta. Tem matado muito doente? a pergunta estava parada no ar. O doutor Castrinho, seu Souza, as outras visitas olhavam o médico esperando a resposta que já estava criando angústia. O homem zangara?

Antonio Dantas não via somente o seu próprio sofrimento. Naquêles segundos que medeiam as suas palavras quem estava diante da sua vista era Braz agonizando, era o negrinho de Areia Branca agonizando, eram os doentes em carência, era dona Açail comprando remédios com o seu ordenado, era Izabel marchando como um pato, esqualida, os grandes olhos fóra das orbitas quasi sem vêr e tão grandes, eram todos os doentes que estavam diante de quem tinha a obrigação de os defender.

E as palavras vieram quebrando o silêncio e a ânsia:

— Matar doente... Há alguém que os mata, sim. Mata de fome...

Toda a sua revolta grifou o choque e todo-o-mundo estava siderado com a verdade que não se ousava dizer. O "super" enguliu em seco, tentou fazer um ar de dignidade e voltou as costas. Ninguém disse mais uma palavra e o cortejo voltou como se volta de um enterro.

Antonio Dantas tinha enterrado a sua carreira no condado.

Lá na enfermaria, banhada de sol, Braz estava recebendo a extremunção. Falava ainda:

— Subirei com os anjos. Recebe teu filho, Deus e minha mãe. Abre-te céu. Espera que a tarde vai chegar e cumpre-se a palavra do profeta! Recebe Braz, teu filho dileto, que não caiu na tentação...

A fala de Braz misturava-se com as orações do padre Leal, e por dois caminhos diferentes duas almas voltavam-se para o Cristo. O pretinho de Areia Branca continuava ainda:

— Pai, eu quero sair
Me dá um doce...

13 Mercês não atendeu ao pedido para que ficasse. Chamou o dono da casa para o fundo do terreiro e disse em voz baixa: não vê que eu tenho medo do fanatismo? Que diria o Menino de Deus, tão bomzinho me acompanhando, se me visse fazendo minha condenação? Tenho medo do fanatismo, meu senhor, do fanatismo, ouviu?

Deu a bênção ao povo e desceu estrada a fóra. Que coisa! comentava todo mundo. Que coisa! E' um santo, direitinho como frei Fabiano de Jesus!

No Arraial foi mesmo Maria do Arraial quem recebeu Mercês, todo empoirado, a batina de mescla quasi cinzenta de pó, e quiz contratar êle para dar lição de catecismo na sua capela. A feiticeira viu que era um louco manso e imaginou o que não seria dos seus dominios com um padre daqueles com ela. Mercês disse missa na capela sem errar um padre-nosso parecia um padre mesmo de verdade (Uma vez, no interior, um padre assistiu uma missa resada por êle; quando êle acabou, o padre disse: pode ser tudo, mas que é padre, é). Mercês quando acabou de tomar café na mesa bem posta do chalet da beira da estrada, disse que não podia aceitar. Tinha uma missão a cumprir.

Tinha que ir a Mato Grosso fazer a catequese. Não estavam vendo que o Menino Deus estava ao lado dele, numa nuvemzinha cor de rosa? Tinha mas era que correr mundo.

Passou a barreira da policia com todas as regalias de padre. A noite que tinha baixado não deixava ver direito sua batina de mescla coberta de poeira. A silhueta era daquêles padres alemães que passam sempre por ali de bicicleta. Era mais um na pele de padre alemão.

14 Mercês fugiu, Braz morreu, mas felismente êle era mas doido. Cadê que a terra se acabou? E' melhor morrer do que não poder fugir daqui. Frazão passa o dia todo gaguejando coisas. De tanto falar sem comer está se acabando. Mas comer o que? Aquele pão sem manteiga? Aquele almoço que outro dia doutor Dantas disse ao administrador que não se dava nem a cachorro? Aquele munguzá todo o dia, sem variar, ráio. Si não fosse as frutas que o médico mandou plantar que é que se podia comer mesmo? Ai meu pai, a que está reduzido um filho dos Rocha! Cadê meu avô que era um cangaceiro danado? Mofo e todo esculhambado, até pelo negro Bui! E o fogo me queimando a cabeça, vindo não sei donde, tantas raparigas no bairro chinês e eu aqui na brenha, me acabando tostado por dentro sem ninguém acudir! Oí fogo danado! Não bôde...

Ah! doutor Antonio, me deixe ir hoje ao cinema. Eu vou, seu Coelho. Me comporte direito. Faça isso não... Vou direto, garanto. Não. Naquêle dia a culpa não foi minha. A rapariga me chamou. Foi porisso que eu disse aquelas inconveniencias no bonde.

— Vem Virginia, vem depressa enquanto é tempo! Os médicos enloqueceram particularmente, e vão romper com o superintendente, enquanto Zé Coelho saboreia charutos e mais charutos e carimba os papéis na secretaria das finanças. Os trilhos estão sendo recortados em papel e quando o molde estiver pronto, devidamente, se assentarão em bases de paralelepipedos, e virão bondes novos da Alemanha. Cicerro arrisca a vida no alto da torre do reservatório, enquanto das estações de radio estão tocando violino e Olegario ergue a batuta. Vai começar o espetáculo e arranjem bons lugares meus senhores e senhoras! A questão da falta de energia elétrica vai ter solução e, enquanto os jornais não anunciam novos melhoramentos, contentemo-nos com Angelina e Antoninha na casa onde nasceu o heroi de 17. Publiquem-se bons romances que o profeta dorme o seu sono melancólico. E passem na ponta dos pés, mas quem diria que as ondas heretizanas fizeram o milagre da redução do ouro metálico nos saldos orçamentários? Rasgue-se o véo do templo porque Salomé não atende aos inúmeros pedidos e o Bolero não será executado. A história ficará mesmo sem revisão porque os redatores estão ocupados com o elogio. Mas os convidados de honra terão assento na assembléa e o circo vai começar a função com os competentes numeros de corda e os artistas e as fêras serão exibidos com aparato. O grande urso não comparecerá porque está incomodado com o calor e não se satisfaz com a brisa da várzea. E' preciso atender com urgência e os frigoríficos hipotecados estarão a postos no momento. Serão servidos finos manjares, e Praxedes traçará linhas com o devido apuro. Os feitos de arame vão ser surpreendentes, e Newton, especialmente convidado, observará novamente a queda de uma maçã enquanto Guilherme Tell fará partir a flexa oportunamente, e o caso se decidirá no forum. As borboletas serão cuidadosamente espetadas em alfinetes e colocadas em estufas a 50.º centígrados. Então se fará um milagre e as rosas se curvarão nas hastes à passagem do menestrel. As trombetas de Jericó, muito bem conservadas, anunciarão o inicio do desfile e que ninguém se incomode com os disticos partidários que o Grão Mestre contempla com o gracioso desprezo. Não há de ser nada, porque as fazendas já foram adquiridas e apresta-se o palacete da campina com alfaias e régulos. E' quando se acendem as luzes e o maquinista verifica que o cenário está fóra de fóco. Mas o "show" não pode parar porque não há niquels para devolver os ingressos, e o porteiro de há muito foi promovido por merecimento. Distinguem-se as estrelas muito bem acondicionadas e o "super" vai visitar o hospício. Não haverá incidentes porque tudo se passa na téla, e os diálogos foram muito bem estudados com antecedência. Mas como costuma acontecer o desenho animado não comporta os apartes da assisténcia. E é o que vale, porque em caso contrário o Camodongo Mickey, doutor honoris-causa, poderia contrair a raiva e o Instituto Pasteur da região de há muito que cerrou as portas. O programa está sendo escrupulosamente cumprido e os defeitos e omissões o inteligente deverá compreender. Qual quer apelo feito será mal interpretado, e que se abstenham de todo comentário enquanto durar o espetáculo. A palavra é prata, o silencio é ouro, e qualquer encómio será de muito bom partido. Mas as valvulas dos compressores não poderão resistir à condenação de tantas atmosferas. E o desastre não acontecerá irremediável porque os tanques estão vasos e o *engenho está no seguro, como medida de precaução. No sub-solo as minas estão sendo exploradas à distância, e o carvão de pedra é tão demasiado bom que traz a marca Cardiff. Os embaixadores irão passear na avenida, pois há muito dinheiro de mais nos cofres da Associação Comercial, e não se atenderá ao alienista porque é mistér dar romances históricos e não liceuças ao respeitável público. Assim se plantem laranjeiras, devidamente distantes e acubadas, e aguardemos o fruto, enquanto os próprios limpam o picadeiro. Vai finalmente aparecer o grande número e podem afixar a máscara da emoção incontinida. Os músicos pararam a valsa no meio, e o Rio Vermelho vai ser atravessado a seco, enquanto não chegarem os filisteus. O que vai à frente é Pedro, o que empunha o estandarte é José, e o que toca pifano é Francisco, Mas o que manda em todos

é Flavio, e quem dita as taboas é o conselheiro, enquanto a tribu se muda. E os pastos de verde relva apareceram nos sonhos, e vacas gordas foram anunciadas em linda profecia. Assim êle prosseguirá a marcha. Jezabel que não se aproxime. Nem as três Marias conseguirão quebrar o encanto que a pitonisa depositou na boceta de Pandora. Os três reis magos estão atrasados, e sentimos dizer que não chegarão a tempo. Emfim, meus senhores e minhas senhoras, sirvam-se a vontade enquanto a toalha está posta e o mordomo não preferir a arqui-duqueza ao dominio absoluto do hotel. As reservas estão se esgotando e quem não se apressar não comerá no prato. A pedido de vários senhores teremos escarradelas nos cantos da sala e os tapetes estão sendo cuidadosamente retirados. Serão distribuidas gratuitamente ventarolas-reclame, e não temam discursos brilhantes ou improvisos de folego. O escafandrista não permitirá a concorrência e os bombeiros estarão presentes. As reminiscencias farão as honras da sala, enquanto o vilão se esconde habilmente. Chegará a vez de se manifestar o Instituto Histórico, mas as gazetas prudentemente ocultarão o heroi pelo sofisma da figura zeugma. Não há o esclarecimento necessário nem as solicitadas do estilo serão permitidas até que o opilado tome folego. Serão consultados os sete sabios da Grecia mas a dificuldade consiste em encontrá-los, o que todavia não será de todo pretenção descabida. Não se cultivam, por acaso, perolas artificiais nas aguas turvas do arquipélago? Nas proximidades do aniversário natalicio de Arlequin os tributos serão diminuidos e que dos feudos lhe enviem propinas os barões assinalados.

O poeta Silvio escutava distante, e quando do ecran magico partiu o intervalo, escreveu como quem dita uma carta, indiferente à própria beléza que emana:

Ilusão da vida. 2.ª Edição.
E ao declinar da tarde
canto olhando para o céu
em harmonia entregando o corpo ao Destino.

Pois torno a frizar meiga Lulza
Teus meigos olhos amparou-me
como o vento ampara
a fôlha que se desprende
do seu avroredo
tombando no gason como a deitar bebe no berço.

Quando Antonio Dantas o veio vêr, e observar se êle podia receber a visita da esposa, Silvio deixava cair as últimas palavras do verso. Estava tão tranqüilo, tão figura de romance, que o médico esperou não reagisse muito vivamente ante a mulher amada. Êle recebeu-a sorrindo e quando ofereceu a poltrona para que ela sentasse, parecia nos bons dias da enfermidade. A senhora Silvio Araujo oinha como quem vê no espelho a propria desgraça, como quem está frente a frente à própria infelicidade, e não sabe porque há de suportá-la. Em cada gesto não conseguia ocultar a revolta ante o destino que a fizera uma especie de viuva sem marido morto, esposa de um corpo que perdera o espirito, mulher de ninguém.

Silvio sorria como a uma pessoa invisível e quando voltou para a mulher já não tinha os belos olhos parados. Luziam néles a colera inesperada e a tempestade da conduta ambivalente explodiu!

P...P...P...

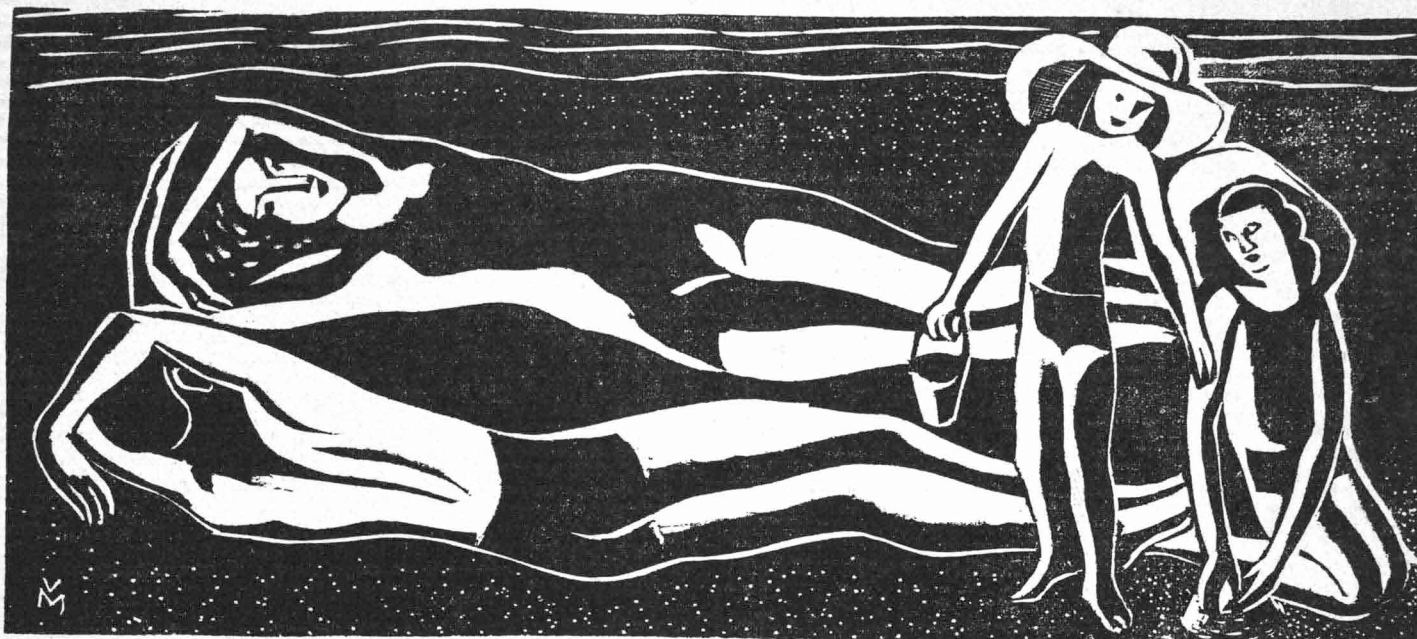
Antonio Dantas abraçou-se a êle quando o poeta partiu para esmagá-la. As enfermeiras acudiram. Silvio foi levado para o patio. A senhora Silvio Araujo ficou mesmo onde estava. Nem se mexeu. Chorava em silencio e quando levantou a cabeça seus olhos marcados cresciam a fascinação. Antonio Dantas levou-a calado até o automovel, e só a arrancada do motor quebrou o silencio comum. Despediram-se em silencio, e no interior do coupé ela cobriu o rosto com as mãos longas.

Pelo vidro da capota Dantas viu a sua nuca descoberta emergir da séda negra do vestido como uma mancha.

15 Agulhas. Manometro de Claude. Tubos de ensaio. Luvas esterilizadas. Luvas? Você faz isso com luvas, Dantas? Que requinte, hein? só falta mesmo o campo, como os especialistas norte-americanos... O assistente prepara a nuca do enfermo. Dantas pede que êle fique quieto um instantinho mas toma as referencias e logo a agulha penetra vagarosamente. O tubo, pede Dantas. Atingiu o espaço? Agora, agora.

Eis aqui, fala o alienista. E da agulha espetada na nuca do homem brota o liquor, limpido, "agua-de-rocha". O laboratório dirá o resto. Pronto: gaze, iodo, esparadrapo.

Logo mais Almeida está falando: onde estão os chefes da minha terra? Lá do município? Cada um dêles ama peitas e corre em busca de recompensa. Não dão justiça ao orfão, nem a causa ao homem, e isolam o réto. Lá está no livro sagrado: Portanto diz o Senhor Jeová dos exércitos, o Poderoso de Israel — ah! livrar-me-ei dos meus adversários, e vingar-me-ei dos meus inimigos; 25 voltarei a minha mão sobre tí, e purificarei com potassa a tua escoria, e tirarei de tí todo o teu estanho; 26 restituirei os teus juizes como foram dantes, e os teus conselheiros como no principio; depois serás chamado à cidade da justiça, à cidade fiel. 27 Sião será remida pelo juizo e os que re-



Aqui o mar é verde e o sol tosta o meu corpo e rólo na areia dourada. Minha mulher moreneia-se perto e minhas filhas brincam com conchinhas e mariscos.

gressam a ela pela justiça. 28 Mas os transgressores, e os pecadores serão destruídos juntos e os que abandonarem Jeová perecerão. 29 Pois si terá vergonha por causa dos jardins que escolheste — olha aqui: dos jardins que escolheste. Sabes que jardins são esses? hein doutor Osias? Não sabe não? Pois olhe são os jardins dos palácios das campinas, propinas e mais propinas. Ah! Vou continuar: 30 pois vos tornareis como um terebinto cujas folhas são murchas, e como um jardim que não tem água. 31 O forte tornar-se-á como estopa, e a sua obra como falsa, e ambos arderão juntamente, e não haverá quem as apague. Sabe quem disse isso, hein doutor? Pois está lá no Velho Testamento! São será corrompida, mas ainda será redimida!

Silvio passa pelo corredor. Vai murmurando: os equívocos dos maleiros farão com que o Doge desça as persianas. Então o amargor dos lamentos distinguirá o anjo do animal. E cantarei as hosanas nas praças, eu o poeta! A vitória será um sulco, e o humus correrá pelo entalhe. São as superfícies cultivadas que fazem mal ao país. Nada em profundidade. Os ictericos lutam contra os pleóricos nos campos do oriente, e há quem exalte a antropofagia! Vamos tingir os homens em cores fixas, para evitar que eles vivam sempre desbotando quando andam na chuva. Os amarelos sofrem do fígado. Os negros serão laqueados e sorrirão cor-de-rosa como os bebés. Então dar-se-á a nívelação esperada e o pecado primitivo será resolvido pela equação de Kepler. Valorisemos as células, e os sistemas glandulares serão acobertados dos trusts por um Comité do Sexo. Corot decorará o hall, e Renoir, especialmente convidado, nos conduzirá à eterna primavera e rosas florirão na seiva que sobrar. Assim teremos duas estações, porque no hall a neblina posta pela palheta do artista fará desnudada a copa das árvores. Ibsen terá uma herma, mas consagraremos Wasserman, e teceremos louvores a Niessen com todos os seus cócos, que terão caráter histórico. Porque as bisnagas de dentríffico passarão a conter pomada de Metchnicoff e o galá não contrairá a doença. Não é Janjão?

— Pode ser ou não ser. O que será do estudante tímido com medo de dizer ao pai? Por menos do que isto digo todo o dia: comecei no ancoradouro, gosei no Hospital Colonia! Espere aí, que vou direito sem me pegar...

O guarda trouxe ao médico a carta enviada da secção pelo doente obs. 159. Silvio cala-se e vai para o pátio, e do envelope aberto estampa-se: "O papel: Sr. Padre Delgado, sr. cônego Borges, sr. bispo Aduato, sr. Cardeal Sebastião, que nosso Senhor Jesus Cristo e a Sagrada Família nos acuda e tenha compaixão das suas almas respectivas. As orações de hontem a noite foram oferecidas a Jesus Cristo e a Sagrada Família em intenção de todos os santos, recebendo os sinais divinos. Hoje pela manhã cumpri a mesma obrigação, recebendo os sinais divinos. Indo a missa na mesma intenção, ao terminar no altar da Sagrada Família e minha madrinha Nossa Senhora da Conceição, fui premiado com a ordem do Tribunal Divino de intimar os senhores seguir no dia 3 deste à Capital da Cidade pôr em liberdade Frazão, que está preso há quatro anos com o título de doido. O outro é o padre Mercês, que abraçou a carreira de Santo Antonio e São Francisco, e foi preso miseravelmente por vocês fariseus, colocando-o naquele carcere no meio dos loucos, despídos e famintos, com o fim de suplantá-lo e obrigá-lo a obedecer seus caprichos, suas baixas hipocrisias, seus modos de fazerem da Santa Sagrada e abençoada

palavra da Sagrada Família uma casa de comércio. Eu, Almeida, tenho a maior satisfação de cientificar não só às autoridades do nosso glorioso país, como a todas as autoridades dos países estrangeiros, igualmente à Nação Brasileira e a todas do Globo Terrestre, que sou o simples e humilde criado da Sagrada Família cumprindo o dever e a ordem. Caso os senhores não atendam este despacho, assumirão toda a responsabilidade perante o Tribunal Divino conforme as determinações. Também científico-vos que não aparecendo um entendimento entre as autoridades com a minha pobre pessoa e continuando as perseguições com especialidade nas Basílicas de Jesus Cristo e a Sagrada Família que muitas vezes não posso cumprir o meu dever, virão da Côte Celeste seus vasos de guerra aos nossos 21 portos do nosso glorioso país, tocar marcha de guerra e destampar tiros de pólvora seca com areia da praia e perguntarem o motivo de tamanhas perseguições".

Do seu quarto Almeida gritava como se visse cercado de padres: Senhor don Aduato, está achando bom estar no inelo da mata dos macacos? Ah! Seu doutor Tavares, está achando bom estar debaixo do cajueiro, penando? Ah! Comuniquei em carta e está o que vocês quiseram! Seu don Sebastião que dê jeito! Outro que também vai para a mata dos macacos é seu Pedro! Não me responsabilizo. Esta manhã tive uma inspiração e escrevi sessenta cartas a todos os representantes da Suprema, Celestial, Puríssima Côte do Tribunal Divino:

Cal de joelhos enquanto cicia: salve, salve, salve, salve, salve, salve... Ergue-se depressa para gritar: sabe? sabe? acabo de ter nova inspiração! Vou jejuar três dias. Três dias! Só assim aproveitava para Deus três dias da fome de todos os dias... Dantas deixa o quarto de Almeida e o sanatório mexe-se todo para receber de quarto em quarto o alienista. As portas se abrem, os ferrolhos sobem, o ambiente se enche de movimento. O visinho do lado não saiu da depressão há vários dias: pergunta a cada momento — já chegaram? eles já chegaram?

— Já chegou quem? João.

— Eles, Eles, Eles! Ora, quem pode ser? ELES! ouviu? ELES! E' uma vergonha, meu Deus! E minha mãe? E minha mulher? O que vai ser delas?

Grita como um ferido. Cobre a face com o travesseiro, soluçando, cái protra-se. Dantas o levanta do leito. Fica abraçado com ele por algum tempo, como um pai que consola o menino triste. Fala em voz baixa e ninguém ouve o que diz ao enfermo. João se anima. Levanta a cabeça. Pisca os olhos seguidamente como ofuscado, como quem saiu da escuridão. Anima-se, levanta a cabeça. Antonio Dantas o deixa já esboçando um sorriso...

16 No ar vagam as palavras que se escutam perdidas. Deixemos a pretensão descabida que o "super" vai arrotar. Solutos alcalinos estão sendo manipulados e a hiprecloridria será prontamente sanada. Porquê é preciso ao monarca ser ao mesmo tempo Casanova e atender à Pantagruel. As bacarolas são escutadas nas alcovas, mas do recesso da cozinha virá o perfume que despertará o reflexo. Então o "super" saberá que chegou novamente a hora de comer. No seu tubo digestivo, um químico da corte, que deixou o laboratório alfanegário, realizará uma reação puramente recreativa; e da

bôca perfumada do conde desprenderá o ácido carbonico. O termino é assinalado com o desenlace, e o prato de ouro será esvasiado com indistincto prazer. Os acepipes devem ser deglutidos entre pequenos goles, e frases elogiosas à cozinheira, não sem deixar bem e devidamente esclarecido que do alto emanou o estilo empregado. Ele se sentirá, então, sumamente feliz, e a gazeta do bairro registrará em estilo torturado o gracioso disfarce. Antoninha riu de Frutuoso baltando, mas o príncipe-sobrinho preferiu Angelina, que se quedou no umbral da porta à espera de Romeu. O minueto foi virtuosamente interpretado e as concumbinas de Salomão divertiram-se como de costume. Mas o sobrinho plebeu do nobre incógnito escreveu as lóas com proficiência e amou a mulher de Putifar no leito da adúltera.

A voz perdeu-se porque outras vozes fizeram côro com ela, e o ruído substituiu o som.

17 Mercês que tinha chegado no meio da escolta, como um criminoso, já era esperado ha três dias e no hospício as noticias se espalham depressa. Quando chegou vinha cabisbaixo, como um menino que fez uma tréla. Mas abriu-se depois para q médico: a fuga, a noite do mudo de beira de estrada, (e se afaite um pouco doutor Dantas! quer se encostar no menino Deus?) e a fala constante do Menino Deus, o Menino-Deus que o manda cumprir o voto sem parar.

Na secção, Mercês exalta a doutrina. E como o ouvem os loucos! Mercês. E faz a revelação rasgando ao meio a batina; o sexo edemaciado assoma, Mercês exemplifica: vêjam o que faz o que tem a graça para resistir à tentação! E não se torna a ferir porque o guarda acode. Agora, na enfermaria, explica o que fizera na estrada três dias antes. Aparecera satanaz no corpo da mulher linda mas o espirito do homem vigiava. E trespassou com uma agulha a carne e o pecado, e mortificou o corpo pela salvação.

18 A manhã do domingo é de glória. Estendido na areia alva, rôlo entre os musgos e góso o corpo arranhado pelos mariscos, pelas conchas, emquanto te olho. Doitas o dorso de brucos na praia e lembro meus sonhos de namorado. Estás mais moreninha como uma negra de traços de européa e cabêlos de veneziana. Ris para mim e comparo teus dentes às pequeninas conchinhas que minha filha agrupa uma juntinha à outra em fileira. Rôlo pela areia morna e luzente, e como o sol brilha e o dia é iluminado! A areia dourada... O negrinho da areia... do ouro. (Como veio gordinho e feliz dentro da loucura. Repetiu até morrer: papai eu quero sair...) A areia da praia é dourada e brilha o sol. Estou parado e distante. Minha filha da beira mar grita: papai eu quero sair!

Cndas e peixinhos do mar... (Maria Joaquina — da secção de mulheres. Maria Joaquina, quantos vestidos você tem? Ela ri: és tu Joca? és tu Joaquina do Forte? E's mesmo do forte? hein — a preta velha ri... — Sou, sim, nobre dama, dona Maria das Grandezas. Meus vestidos, hein Joca? Um é da cor dos mares com todos os peixinhos. O outro é feito do céu com as nuvens azul e todas as estrelas. O outro é cor do campo com todas as flores. O outro é da mata com todas as aves... Olhe: falo e bolas de ouro caindo da boca... Olha Joca. E's mesmo do Forte?) Mas tudo isso é lá no hospício. Aqui o mar é verde e o sol tosta o meu corpo e rôlo na areia dourada. Minha mulher moreneia-se perto e minhas filhas brincam com conchinhas e mariscos. A areia está morna, a espuma das ondas vêm até os meus pés, o mar tem seduções e é verdade. Há uns olhos verdes e desgraçados que se transbordaram de lágrimas e cobriram-se de sedução como uma sincope de abismos. Onde ficaram as natádes e as driades e os mares perdidos dos navegadores sem história mergulhados na lenda? Que farias pobre marinheiro adormecido embalado nas ondas, perdido de amor? Que quebras o encanto, os conjuros, e salva tua pobre alma imortal! Que teu corpo sofre e padece a tortura...

Como Braz resistiu a tortura! ("Não caui em tentação... que soufreu dos homens...") Braz mas morreste mesmo e que pude fazer por si? Teu pobre corpo ficou ainda maior depois de morto e crescente em todo o nosso mundo, profunda. Fica contente no seio da terra pobre corpo decomposto. Teus irmãos em Cristo sofrem contigo e a provação é constante. Mas as consciências se abrirão à luz.

O memorandum enviado à secretaria da gazeta continha as duas novidades que já vinham requeridas de se esperar. O boletim da empreza recebeu a noticia de **sensação na primeira pagina** e riscou da secção social o aniversário do mentalista. O clichê de tres colunas vinha debaixo do titulo negro que fazia ciente a materia recuada em grito: o "super", após demorados soliloquios, decidira a mercê referendada — Oliveirinha estava nomeado entendedor efetivo, e grandes planos se aninhavam dos leitos do Pronto Socorro para os cortedores menos limpos do Palácio da Estátua. A curva do neurotico subiu na intensidade e as fases de depressão eram compensadas com a presença invocada do alienista. Mas o recelo do caso do seu predecessor inquietava o nervoso! Frequentado pelo alienista, que pensaria o "super" de si, e os casos do artigo do jornalista da cartuchela e de Diniz rondavam inquietantes os escrúpulos do pobre.

Antonio Dantas voltava-se para o enfermo com amor de irmão, acalentava seus sonhos quando para dormir passou a necessitar a sua presença na alcova. Curava sua angústia até ante o papel virgem, escrevendo seus discursos, seus relatórios ao conselho, seus artigos para a revista. Como poderia pensar Oliveirinha sem o cérebro do medico? Mas como poderia passar assim com a posição em perigo pela amizade. Posição tão linda, com limousine, passeios de graça, retratos na gazeta, gratificações e os sorrisos valiosos do "super". E a angústia crescia. Sem Dantas, quem curaria seus nervos, quem escreveria seus discursos, quem lhe arranjaría as entrevistas para as fôlhas,

quem esclareceria os próprios casos clínicos mais encrascados? Mas com Dantas seria perigosa sua carreira, e o "super", quem sabe?, não estaria vendo isso? E o dilema era o tormento grave suplantando a enfermidade, rasgando mais a chaga do espirito ferido. Lembrou quando jogava no casino: preferia o preto e o vermelho, mas o ganho era pequeno e o prejuizo era também, e quasi só fazia ganhar. Então a astúcia da raposa entrou-lhe no corpo e aproveitou a situação e lançou a fábula na vida.

Era estranho, mas as conversas de Dantas diante o leito do pobre ou em lugar que ele estivesse, chegavam mais depressa à superintendencia do que a resposta do diálogo. Mas chegavam ampliadas, tão ampliadas e distorcidas que eram falsas, inverdicas como um film) que se descobre numa imagem inautentável. E o espião não seria jamais desmascarado si não fosse a intervenção decidida do Procurador entre as duas bandeiras, quando observava dois campos. Oliveirinha foi à casa do médico quando soube que ele estava senhor da trama e caiu de joelhos. Parecia Almeida no Sanatório de agudos (salve, salve, salve, salve, salve...) diante o Tribunal Divino imaginário. Parecia mesmo que o médico estava diante o outro doente, o alienado. E a frase do profeta morto veio na imaginação, repetindo a frase do Cristo: e me negarás três vezes!

Quando Dantas deixou de pensar nos seus loucos, sentindo natural, como acostumado a levar pancada de irresponsável todo o dia e mais se dedicando a melhor trata-los, o outro já ia saindo como o traidor do drama e as pratas tilintavam nos seus bolços. A relva morreu aos seus pés. A flor que bordeja o muro foi esmagada na passagem e tombou dilacerada. Mas não se registou o enforcamento da fíguela, e esteve ele até presente nas bodas de Canaan no sabado de Aleuia.

O último officio expedido dizia claro que os doidos povoavam a cidade e perigava a segurança da população.

19 No café da Assembléa o Observador Omnisciente comenta que nada é surpresa diante os fatos. Olhe aqui: aquele rapaz que veio para o hospício. Chegou, disse logo: não dura! Você não via que não podia durar? Começou protestando contra a prisão de homens na solitária, depois tomava café com gente da opposição, depois fez aquela reforma toda sem olhar nem os sobrinhos da cosinheira dos amigos do "super", depois não se conteve em ver os doidos naquela miseria toda e desembuchou tudinho nas bochechas do regente, que é que você quer mais? O resultado está aí: já estão dizendo que vai botar os nvoels em leilão e vai se embora... Agora o povo é que é o prejudicado. E' uma infelicidade. Começa a safadêza! Começam como umas raparigas a fazer fuxico com o rapaz, negam-lhe tudo, desgostam ele, e o que é que você quer? Está muito certo: vai embora e faz muito bem! Até o Castrinho, o Castrinho, fez aquela safadêza com o rapaz. Vivia intrigando ele com os grandes. Porque façam justiça: a pessoa do "super" não entrava em nada do que ele dizia. Si reclamava era contra a superintendencia que não estava sendo correta com ele. Agora me diga: que é que tem que ver uma coisa com a outra? O Saul, até o Saul que ele defendia em toda a parte nem se incomodou com o rapaz. Ah! Eu queria era ver essa coisa nos tempos do Grande Chefe! Ele deixava o que, o homem sair assim desgostoso, botando até as coisas que tem em leilão!

O presidente do club, que é o amigo, coça a cabeça e diz que o mesmo o diabo! Mas a sessão está na hora e a campá chama a atenção. O doutor Milton Wanderley chega com o ar de cachorrinho de madama, ressendo a cheiro, e ri mostrando os dentes de Hutington. Vai "usar da palavra". O brigada aparteia e pergunta se o uso da coleira foi abolido. Há quem pergunte onde anda a carrocinha da prefeitura. Há quem pergunte si aboliram a matrícula. Há quem atire uma bola cheia de veneno, mas ele foi bem almoçado e não interfere. Há quem invoque, em desespero, a Associação Protetora dos Animais mas a dita não se manifesta porque as galerias estão obstruidas. As 3 horas a sessão interrompe o discurso, mas o bicho que deu não foi cachorro: foi urso. E os trabalhos continuavam, apesar do palpite que foi coletivo.

20 Os guardas que se iam amotinando contra o alienista eram hoje os melhores guardas. Porque o curso que Dantas lhes tinha dado os tinha ensinado. E Coelho chegou junto ao médico e lastimou o que estava acontecendo. Sabia que o doutor Dantas estava com vontade de ir embora.

— Doutor querem por ordem do "super" que a gente fique internado nas secções sem as folgas entre cada 24 horas de trabalho. O que será de minha familia, sem poder me ver, só saindo para a rua de mês em mês? A gente trabalhava um dia e descansava o outro longe dos doidos. Agora querem que a gente fique entre os loucos trinta dias sem ver ninguém senão os loucos? Reclamei ao prefeito do hospital mas ele disse que era a ordem do "super". Mas quem é o psiquiatra daqui? Será que o "super" entende disso? Doutor nos ajuda!

Dantas depois da nomeação do novo prefeito do hospício estava vendo que aquilo era a vitória do mal. O "super" tinha nomeado o prefeito de propósito, para mandar pela sua bôca, e falar pela sua bôca, e usar pelo seu gesto. Os guardas que já não eram os domadores dos botões dourados, mas os perfeitos guardas, estavam começando a pagar por se terem domesticado. E começavam os de cima a provocar a desordem, a estabelecer a confusão para que dentro do hospício ninguém se entendesse. E o que restasse da obra fosse destruído. E o alienista pagasse pelo pecado de defender os loucos pelo pecado de defender o doente sem socorro enquanto banqueteam-se os filisteus. Mas os seus enfermos padecem de fome.

Nas secções reviam-se os quadros bíblicos. Era o paraíso varrido da loucura e sem o alívio para a miséria. Mas os quadros não eram de paraíso senão na nudez, e havia quadros dos livros de Job — eram quasi todos os quadros. Nós, chagados, morrendo como num deserto, cobertos de chagas e de pó.

O livro de Job se desfolha e uma pagina cai esparça:

Quem dera que se cumprisse o meu rôgo,
E que Deus me concedesse o que anhelei!
Que fosse do agrado de Deus esmagar-me,
Que estendesse a sua mão e me exterminasse!
Então eu acharia ainda conforto;
E exultaria na dor que não poupa;
Porque não tenho negado a palavra do Santo.
Pois que a força é a minha para que eu não espere?
Ou qual é o meu fim para eu me portar com paciência?

Agrício apanha na relva a folha do livro do profeta morto, que resta abandonado, recompõe o livro solto e lê alto o sofrimento:

Lembra-te de que a minha vida é o vento?
Os meus olhos não tornarão a vêr a felicidade.
Os olhos do que me vê não me contemplarão mais;
Os teus olhos estarão sobre mim, porem não estarei mais;
Assim aquele que desce ao Sheol não subirá mais.
Nunca mais tornará à sua casa,
Nem o lugar onde habita o conhecerá jamais.
Portanto eu não reprimirei a minha boca,
Falarei na angústia do meu espírito,
Queixar-me-ei na amargura da minha alma.

Nos quatro cantos do pátio imenso o flagelo zomba do desespero do alienista, e de longe chega a voz de Agrício:

Ele zombará do desespero dos inocentes
A terra está entregue nas mãos dos iníquos.

As lampadas em meia voltagem limitam os pátios, as enfermarias, os corredores, os dormitórios. A noite negra sem estrelas cobre o intervalo que separa a terra do céu. E o hospital mesmo perdeu-se nas trevas.

Agrício passa as mãos no livro sagrado e diz de cór:

Na verdade a luz do iníquo se apagará.
E não resplandecerá a chama do seu fôgo.
A luz se obscurecerá na sua tenda,

E a lampada que está por cima dele se apagará.
Estreitar-se-ão os passos do seu poder,
E o seu conselho o derrubará.

A sua memoria perecerá do país
E o seu nome não ficará na face da terra
Será lançado da luz para as trevas;
E afugentado do mundo.

21 A noticia da partida de Dantas espalhou-se rapida. Naquela manhã o alienista requeria uma licença para tratamento da saude. E em toda a vila era só o que se falava.

Sabe? doutor Dantas pediu licença. Mas êle vai é se embora...
— Mas o que é que você quer? Nomearam um prefeito para mandar no hospício! Ele só pode é ir-se embora mesmo.

Quando Dantas voltou para casa encontrou o terraço cheio de amigos. Modesto, dona Elisa, Niná, dona Luisa, Ademar, Maria do Céu estavam surpresos. Todos compreendiam que o médico seguia um caminho que era o da sua conduta. Que tinha mais para fazer ali?

Os amigos o rodeavam. Só faltava mesmo um que era o sempre constante: o Oliveirinha. Mas este atraçoara o amigo e desfrutava os proveitos.

Uma semana antes o alienista recebera da capital uma carta do Mestre. Dizia: "o que está acontecendo comsigo, aconteceu comigo em Porto Seguro. Converta tudo em material de experiência. Venha para cá que o espero". Dantas explicava que precisava descansar. Três anos dentro daquele hospício...

Naquela tarde uma notavel junta médica decidiu o feito. Dantas requerera licença de tres meses. A junta após exaustivas considerações opinou por dois. E o "super", animado da ira, reduzia tudo para trinta dias. Na casa onde nasceu o herói de 17 os três secretários bailaram toda a noite, e Antoninha foi prodiga em caricias, e Angelina resolveu os amuos e Severina embebedou-se de wiskey.

Os dez dias seguintes foram os dez dias da despedida. Dez dias diante o mar verde e toadas da praia e o perfume dos cajueiros, que se fundiam no cenário com as noites estreladas.

E nunca a vila teve tantos encantos, e as suas noites eram mágicas. Faziam lembrar as noites em que Braz caía em meditação e sentia-se tomado da posse divina, conversando com o Senhor... E havia estrelas que riscavam o céu, como um traço de giz longo, que se apaga em seguida.

FIM

(*) — Vide RENOVAÇÃO de março, abril, junho ultimos.

OFEREÇA AO SEU AMIGO
VISITANTE ALGUMA COISA GENUINAMENTE PERNAMBUCANA

"PERNAMBUCO"

Sortimento Extra-Fino Pilar

UMA LEMBRANÇA INESQUECIVEL. UM PRESENTE INEGUALAVEL.

A MAIS MODERNA FABRICA DE BISCOITO
DA AMÉRICA DO SUL

COMPANHIA PRODUTOS PILAR S.A.

Construa a sua casa própria em pagamento mensais modicos, na

PREDIAL DO NORDESTE
S/A

PLACIDO FARIA & CIA.

Grandes armazens de ferragens e cutelarias em grosso e a retalho

Especialistas em todos os ramos do seu comercio
PREÇOS SEM COMPETENCIA

RUA DUQUE DE CAXIAS Ns. 276 a 280

Depositos : RUA DR. FEITOSA Ns. 153, 243 e 257
End. Teleg. : "PLACIDO"—Codigos : ABC, 5.ª ed. e Ribeiro

— TELEFONE N.º 6212 —

RECIFE — PERNAMBUCO

BANCO NACIONAL
ULTRAMARINO

Todas as
operações bancarias

FILOSOFIA DO MUNDO INORGANICO

Crésó Teixeira

(Conclusão)

Em relação às coisas incorpóreas, a substância é, aqui, puramente ato, sem contudo ser um ato puro (Maritain). Só Deus ser increado, "ens a se", é ato puro. Os espiritos puros criados, ou melhor, a essência substancial pode não ser. Só Deus é. Pois essa substância é potência, relativamente à existência (ato de ser). Ou, mais claramente, em relação ao que é ato último de toda a realidade.

Finalizando. O hilemorfismo procura, prescrutando o sentido objetivo e realista das coisas, explicar a estrutura de todo o Cósmos. Até do ser humano, onde permite compreender a união da matéria e duma alma espiritual que é a forma do corpo humano. Contudo, a forma aqui, da alma, difere, em natureza, das outras formas substanciais. Pois que pode existir sem a matéria. O hilemorfismo nos diz, assim, de maneira simples e evidente o que é, no sentido mais amplo, o universo.

ARTIGOS
PARA
HOMENS
COMPREM
NA
CAMISARIA
ESPECIAL



MANTEIGA

PEIXE

É a rainha das manteigas.
Usá-la é preferi-la por toda vida.

DEPOSITO:

Rua das Calçadas, 70

Fone 6718

RECIFE

GRANDES MOINHOS DO BRASIL S.A.

MOINHO RECIFE

A indústria pernambucana apresenta no **Moinho Recife** um dos seus melhores centros de trabalho; uma importante organização industrial que honra e solidifica o nosso Estado.

O **Moinho Recife** eleva-se por traz dos armazens das Dócas do Porto, á Avenida Alfredo Lisbôa, num importante e vasto edificio de 7 andares, todo construido em cimento armado — obra de valor da engenharia moderna — e dispõe de magnifica aparelhagem operatriz toda de procedencia norte-americana, fornecida pela casa Allis Chalmers Manufacturing C.^o Inc., de Milwaukee, Wis U. S. A.

TEM 24 silos, podendo armazenar em cada um 350 toneladas de trigo em grão.

O magestoso edificio está ligado ao porto por uma ponte aerea, tambem de cimento armado, na qual corre uma esteira transportadora de trigo e que serve ainda para transportar os productos da grande indústria pernambucana

ás embarcações que os conduzem para os outros pórtos do país

COMEÇOU a funcionar em Janeiro do 1920, produzindo diáriamente 3.000 sacos de farinha de trigo, de 50 quilos, e 1.500, de farelo, de 35 quilos.

O CUPA uma área de 106 metros de comprimento por 53 de largura.

OS auxiliares e operários do acreditado estabelecimento industrial são segurados contra acidentes na Seguradora Industrial e Comércio.

CONTRA os riscos de incendio o **Moinho Recife** está aparelhado de uma perfeita instalação "Sprinklers" do sistema "Grinell", que, ao contacto da mão do homem ou automaticamente, funciona em todo o edificio desde que a temperatura se eleva de 60° gráus centigrados.

EIS em suma o que é essa soberba organização social, cujos productos não encontram similares no mercado do país.

RECIFE — PERNAMBUCO

HORACIO SALDANHA & Co.

IMPORTADORES DE CARVÃO DE PEDRA
SERVIÇOS MARÍTIMOS

End. Teleg. HORACIO

CAIXA POSTAL 140

Avenida Marquês de Olinda, 143

1.º ANDAR

TELEFONE 9144 — RECIFE

Instituto do Café em Pernambuco

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Ltda.
RECIFE — PERNAMBUCO

Financia os cafeicultores do Estado seus associados a
juros baixos e longo prazo
Promove para seus associados a aquisição de maquinis-
mos para seus serviços agrícolas e melhoria de produção

AV. MARQUÊS DE OLINDA N.º 35

1.º ANDAR

RECIFE — PERNAMBUCO

**CAFÉ
LIBERDADE****O MAIS PREFERIDO ENTRE OS CONGENERES**

Sempre com o fito de bem servir aos
seus consumidores, distribue além das
qualidades excepcionais,
lindos e preciosos brindes

Preferir o CAFÉ LIBERDADE é uma
demonstração de bom gosto

Sociedade de Moagens do Recife Limitada

Filial de OLINDA

CAMÕES E AS ESCOLAS POÉTICAS (Conclusão)

derna da poesia que ele não adoptou, nem nenhum dos seus pares, foi uma que hoje aplaudem uns cérebros peregrinos, alheios à rotina dos cânones e dos gostos gerais, produtora de formas que nós não compreendemos, cultora duma beleza aberrativa que só as extravagantes geometrias duma futura humanidade nosocômica virá a consagrar: a poesia que consiste em alinhar palavras sem nexos, sem medida, sem ritmo e sem rima, às vezes repelidas como ecos mortos de idéias por nascer, com dimensões que vão do centímetro duma única sílaba insignificante à língua-da-póvoa duma frase desarticulada e nebulosa.

Porque essa poesia não é poesia, mas a charada promovida às funções de expressão artística. E se é o leitor quem deve encontrar na sua própria sensibilidade o que o autor não aponta, não sugere, não faz despertar nela, então passe o leitor a fazer versos e vão os autores exercitar o engenho no ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO, que desde tempos remotos vem dando às gerações das duas pátrias uma verdadeira antologia no género.

Proponho-me aqui apontar simplesmente duas ou três passagens d«OS LUSÍADAS» para ilustrar e documentar o que venho dizendo. Para os estudiosos mais ou menos eruditos, o meu artigo é desnecessário; os de cultura modesta ou escassa, que são aquêles a quem me dirijo, encontrarão nestas breves notas uma indicação que lhes não será inútil para novas leituras do Poema.

Do primeiro ao último verso d«OS LUSÍADAS», não é só o estilo que se amolda ao assunto, mas também a musicalidade especial das palavras, como numa sinfonia em que a linha melódica — na obra o pensamento que a ditou — tem a acompanhá-la a adequada orquestração, rica de tôdas as cores e tonalidades que o desenvolvimento do tema exige.

Vogais sonoras e claras enchem a abertura do poema, dando-lhe a amplitude grandiosa do mar, que constitue o seu fundo, e a luminosidade gloriosa do espaço em que os heróis actuam. O verso é largo, retumba nos gerúndios que aparecem na segunda estância, espraia-se pela Invocação, onde aflora, já uma ponta de ternura...

E logo, mais adiante, o ritmo é acelerado, as palavras encurtam-se, despenham-se umas sobre as outras, pintam, pela sua mera e rápida seqüência, todo o quadro que o Poeta compôs:

Salta, corre, sibila, acena e brada,
.....
Derriba, fere e mata e põe por terra.

Leiam êstes seis versos da batalha de Aljubarrota e digam-me se algum poeta moderno conseguiu, pelo artifício mais cuidadoso e paciente, dar mais forte impressão duma peleja medieval:

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, setas e vários tiros voam;
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavalos treme a terra, os vales soam.
Espedaçam-se as lanças, e as frequentes
Quedas co'as duras armas tudo atroam.

Para os buriladores minuciosos de preciosidades verbais, para quem os poemas não passam de peças de ourivesaria, frios como o bloco de metal de que os extrairam, foi a inspiração — fogo sagrado que anima os poetas e faz brotar das profundezas do seu íntimo, do estado febril que os arrebatava, versos que Deus ali colocara, sem que eles, como as criaturas sujeitas a miraculosos transe, dêles tenham consciência em estado normal — que produziu aquelas passagens, acabadas, perfeitas, supremas, além das possibilidades humanas.

Então leiam esta incomparável estância:

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas saem furibundas
Quando às iras do vento o mar responde,
Neptuno mora e moram as jucundas
Nereidas e outros deuses do mar, onde
As águas campo deixam às cidades
Que habitam estas húmidas deidades.

Leiam, releiam, ouçam êstes versos, onde rolam vagas pela superfície do oceano, onde a curva das ondas se desenha, as suas cristas espumosas se erguem diante de nós, os abismos glaucos do mar se patenteiam, a visão do mundo aquático ressalta, menos da significação dos termos empregados que da sua genial disposição, da escolha dos finais, do embate de certas consoantes, da propositada repetição dos mesmos sons.

Não é um resultado inconciente da inspiração. É um efeito desejado, preparado, combinado pela mestria do Poeta, que, como tal, é precursor de tôdas as escolas e a tôdas elas superior.

A moda poética varia e tem, como tôdas as modas, extravios e caprichos. A arte, essa é eterna e sempre a mesma, plena e absoluta no gênio dos seus intérpretes excepcionais.

EDUARDO DE CARVALHO

**BANCO COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE
PERNAMBUCO**

Avenida Rio Branco N. 155 — Recife

Endereço Telegrafico : CASAFORTE — CAIXA POSTAL 444

Telefones : GERÊNCIA : 9024-9058 — GERAL : 9085

Faz todas as operações do ramo bancário, oferecendo as melhores taxas do mercado. Aceita depósitos em :

CONTAS CORRENTES DE MOVIMENTO — CONTAS CORRENTES LIMITADAS

Depósitos Populares :

(C/Especial Econômica, juros de 6% limite 5:000\$000)

Depósitos a prazo fixo e pre-aviso, taxas especiais. Serviço

eficiente de administração de bens ;

Cobrança de alugueis, Juros de Apólices etc.

Ordena pagamentos por via telegrafica, via aerea ou marítima. Emite cheques sobre todas as praças do País

PROGRESSÃO DO MOVIMENTO DO BANCO :

31/12/36 11.146:934\$338	31/12/37 17.817:063\$479	31/12/38 23.631:408\$892	31/12/39 34.425:958\$307
-----------------------------	-----------------------------	-----------------------------	-----------------------------

**LOJAS
PAULISTA**



A MAIOR ORGANIZAÇÃO BRASILEIRA NO COMÉRCIO DE TECIDOS

UNICOS e exclusivos estabelecimentos revendedores dos afamados tecidos marca "OLHO" de côres absolutamente fixas.

TECIDOS finos e de padrões variados : Sêdas, voiles, opalinas, cambraias, etc.

TUDO PELO PREÇO MAIS BARATO DA CIDADE

BRINS nacionais e estrangeiros, Morins, Cretones, Bramantes, e outros tecidos cujos preços não temem competidor.

UMA VISITA ÀS LOJAS PAULISTAS É O SUFICIENTE PARA SE CONHECER A VANTAGEM DA QUALIDADE E DE PREÇO DOS TECIDOS MARCA

"OLHO"

Rua Larga do Rosario (Praça da Independencia) e Rua João Pessôa, 260

**Alberto
Lundgren & Cia. Ltd.**

Filiais em todo o Brasil

PREFIRAM O CALÇADO "COMBATE"

Forte e barato

ENCONTRA-SE À VENDA NAS CASAS:

CASA BRASIL,
Rua Duque de Caxias, 304

CASA VENCEDORA
Rua do Livramento, 7

CASA PRIMOR
Rua do Livramento, 21

Severino de Vasconcelos & Cia.

RUA DA PRAIA N. 83

RECIFE ---- PERNAMBUCO

COOPERATIVA DOS PLANTADORES DE MANDIOCA DE PERNAMBUCO

Única distribuidora dos produtos da
Fabrica de Farinha Panificavel
do "IBURA"

Teleg. "MANDIOCA" FONE 9569

ESCRITÓRIO:

Avenida Marquês de Olinda, 277

RECIFE PERNAMBUCO BRASIL

AÇUCAR DIAMANTE

O MAIS PURO
O MAIS ALVO
O MAIS SECO

Exportadores

Cardozo Ayres & Cia.

PERNAMBUCO

ANCHIETA, O PRECURSOR DA ESCOLA-NOVA NO BRASIL

(Conclusão)

Inteligentes, astutos, porém belicosos em demasia, extremamente preguiçosos para tudo o que não fôsse atividade de *homem* — caçar, pescar, guerrear, enfim, viver perigosamente — estavam os índios brasileiros fadados ao extermínio pelo colono branco, ladravaz ao extremo, que dele só se serviam como *escudos* nas suas vis empreitadas.

Nas mãos de Nóbrega e dos seus abnegados companheiros; ensinados por Anchieta, essa indiada e seus descendentes; anos mais tarde os mamelucos de São Paulo, varando os sertões, os carrascais, as serranias, as caatingas, os pampas, os furos e igarapés, recuaram afoitamente a Linha de Torresilhas, tomando as terras dos espanhóis para criar esse Brasil-colosso, que retoma agora a marcha interrompida para um futuro grandioso.

Foi esta a obra imperecível saída das mãos de Anchieta, catequista e missionário modêlo, o mais ilustre de quantos já pisaram esta terra do Brasil.

Tudo quanto fazamos, por melhor que fazamos, é pouco para resgatar a dívida que contraimos com Anchieta, o precursor da escola-nova no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

Pedro Calmon — *História do Brasil*. (Editora Nacional).
Irineu Cavalcanti — *Atuação dos jesuítas na formação do Brasil*.
Jorge de Lima — *Anchieta*. (Empresa Editora ABS Limitada).
Diversos autores — *Anchieta*. (Edição da Livraria do Globo).
Serafim Leite — *Páginas de História do Brasil*. (Editora Nacional).
Max Fleiuss — *Apostilas de História do Brasil*. (Livr. do Globo).
Rocha Pombo — *História do Brasil*. (W. M. Jackson, Inc.).
João Ribetiro — *História do Brasil*.
Vida ilustrada do V. P. Anchieta, S. J. — Apóstolo do Brasil. (Publicação do Vice-postulado do V. P. Anchieta — Colégio Anchieta — Rio).

O SINDICATO E SUAS FINALIDADES

SILVINO LYRA

(Conclusão)

olhos a contribuição eficiente dos agentes em foco, para o bem estar individual e familiar do trabalhador nacional.

Inicialmente, terão os operários uma confiança relativa na orientação traçada pelo seu órgão de classe, aliada à uma despreocupação quanto ao futuro de seus filhos. Convém ressaltar que não será desvirtuada a educação familiar, mesmo porque, com os ensinamentos recebidos no órgão de classe, o obreiro terá a certeza do amparo dispensado à sua próle, e a educação do lar proletário não terá as asperezas daquela ministrada nos ambientes cheios de incompreensões pela ausência do pão e do conforto, e, ainda, transbordantes de incertezas pelo dia de amanhã.

A sociedade lucrará imensamente, porque desde a puerícia, o homem receberá os ensinamentos necessários a ser um bom cidadão, bom profissional, e bom pai de família.

Diante destes fatos, fácil é concluir que não será necessário nivelar em igualdade todos os homens, para que o operário tenha os seus direitos assegurados e reconhecidos. E sim, o inverso, porque da projeção da hierarquia natural da vida, é que se forma o bellissimo cenário das compreensões humanas.

É justo, sobretudo, que os trabalhadores tenham consciência de seu valor pessoal, de sua personalidade enfim, e sejam bons obreiros, orientando o seu trabalho e engenho, com a visão do bem comum social.

A justeza dos direitos inerentes aos trabalhadores deve ser uma realidade intangível. O seu valor avaliado em relação à sua capacidade, produção e necessidade, intensificará o desejo de melhorar, e em face desse estímulo natural se processará a seleção qualitativa dos elementos, e uma harmonia duradoura, de certo, fará surgir uma compreensão de direitos e de deveres bem profundos, em consequência da equidade traduzida em tôdas as manifestações da sociedade profissional, como o elemento de ligação entre o Estado e a Nação.

Muito se tem falado em um salário justo. Porém, inúmeras têm sido as dificuldades apresentadas pelo elemento capital quanto a tal salário, sob o fundamento da cotação do produto ou situação econômico-financeira da fábrica, do estabelecimento comercial etc., não o permitir. De fato. Talvez, que o alevantamento do preço do salário, venha, de pronto, estabelecer uma pior situação para os trabalhadores. O empresário aumentará o preço dos produtos e a vida encarecerá mais, ficando as possibilidades aquisitivas do obreiro deficientes como eram, e nenhuma melhoria se evidenciou.

Reajustando, porém, o custo da vida, ora pelos meios apontados, ora pelo cooperativismo, que, aliás, orienta a ação de todos os elementos em menção, possivelmente será uma realidade palpável o salário justo, sem ser injusto, no entanto, aos obreiros do capital, que sofrem as oscilações das bolsas e outros fenômenos da economia, que, muitas vezes, há levado os homens à ruína.

Consiste, portanto, esse reajustamento, numa atividade específica do Sindicato, que denominaremos de Assistência econômica, e assistência família.

Como vimos em o capítulo precedente, consistirá esse reajustamento de salário e de vida, em uma desobrigação — para o trabalhador de grandes responsabilidades de família e de deveres indefinidos em relação às suas possibilidades materiais, — de grande parte desses deveres, que será executada pelo Estado, através dos Sindicatos.

Não há negar a cooperação em tôdas as realizações humanas.

Somente os inconseqüentes, soem afirmar o contrário.

Em sociedade, ela é uma razão mesmo de equilíbrio. O trabalho de todos é o fiel que precisa o equilíbrio do bem de todos. Organizar essa atividade, é competência do Estado. Orientar essa cooperação que denunciamos, compete também a ele, como expressão organizada da Nação. Assim, o Sindicato é o órgão natural para tal atividade, porque em contacto constante com as expressões parciais da coletividade nacional como órgão do próprio Estado, poderá materializar, mercê da cooperação de todos, verdadeiros milagres para o bem estar coletivo.

- 1) — Mais valem dois juntos que um só, pois tiram vantagem da sua associação. Si um cai, o outro sustenta-se. Desgraçado do homem só, pois quando cair, não terá quem o levante. O irmão que é ajudado por seu irmão é como uma cidade forte. "Encíclica Rerum Novarum" — S. P. Leão XIII.
- 2) — Referimo-nos ao Sindicato como forma de Direito Positivo, fato contingente, visto que, como profissão, é necessário, uma instituição natural como a família.
- 3) — Um grande escritor patricio diz que a felicidade é um sentimento de harmonia, uma expressão de proporcionalidade. Transcendentalmente a relação do finito para o infinito: a aspiração constante — Terrenamente a proporção entre o desejo e a posse possível.

USINA ARIPIBÚ S. A.

Produção: 80.000
Sacos de Açúcar

MUNICIPIO DE
RIBEIRÃO
PERNAMBUCO -- BRASIL

F. ALMEIDA
& CIA

R. Vigarino Tenorio
101

Caixa Postal 254
RECIFE



MANOEL PEDRO DA CUNHA & Cia.

Exportadores de Café. Algodão,
Mamona etc.

Rua de São João, 531 (Sobrado)

RECIFE

PERNAMBUCO

BAR E CONFEITARIA ELITE

— DE —

OCTAVIO FERREIRA DE MELLO

PRAÇA JOAQUIM NABUCO, 71 — RECIFE

— FONE 6-0-8-6 —

Casa especialista no genero especiarias
Completo sortimento de PASTELARIA,
FRUTAS e BEBIDAS em geral, nacionais
e estrangeiras

USINA MASSAUASSÚ

A Usina Massauassú Dispense anualmente, com Assistência Social:

30:000\$000, para os desamparados.

35:000\$000, para assistência farmacêutica, médica e dentaria.

Os operários têm gratuitamente, casa com saneamento, agua encanada e luz electrica.

A Usina Massauassú justifica, assim, o bom renome de Pernambuco, vanguardista das grandes iniciativas de Justiça Social.

LIVRARIA UNIVERSAL

RODOLPHO & PEREIRA

Todos os livros didáticos editados pela LIVRARIA UNIVERSAL são de autores de reconhecida idoneidade:
Julio Pires Ferreira: — GRAMATICA PORTUGUESA — 1.º ano.

Mota Filho: — EDUCAÇÃO E SOCIEDADE
Estevão Pinto: — HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO — 2.ª serie
Conego Xavier Pedrosa: — LIÇÕES DE LATIM
M. Cabral de Mélo: — MON LIVRE DE FRANÇAIS (Pour la première année).

Mota Filho: — PRIMEIRO ANO DE LATIM
Waldemar de Oliveira: — HIGIENE
S. de Albuquerque: — ANÁLISE SINTÁTICA — 2.ª, 3.ª e 4.ª series
Mario Sette: — TERRA PERNAMBUCANA.

A CAMPANHA ESCOTISTA DE JABOATÃO

(Conclusão)

Um outro facie merece, também, uma acurada atenção dos timoneiros da Concentração de Escoteiros de Jaboatão: — o culto da mocidade ao Brasil.

Nas horas difíceis do perigo iminente, nos momentos das definições mais graves, nos instantes sombrios em que as instituições que caracterizam um povo ou uma civilização parecem caminhar para um aniquilamento fatal, é no amor da juventude para co'a Pátria que se vão depositar as últimas esperanças, a confiança sincera, de uma reabilitação. É no respeito às leis que nos dão o caráter de povo civilizado, é na solidariedade irrestrita ao chefe nacional que nos assegura a soberania, o conforto, a alegria de viver, que repousam os justos motivos da grandeza e dos fôros de cultura das Nações.

Esta é a mística que serve de divisa ao movimento escotista que em tão boa hora se vem realizando em Pernambuco.

A humanidade atinge neste momento a uma perigosa encruzilhada dos seus destinos. Parece rôto o ritmo que vinha mantendo o equilíbrio da História. Marchamos para um futuro, cujo rumo se perde na escuridão de acontecimentos irremediáveis.

O falso humanismo do século XIX, o cientificismo agnóstico ou materialista do século XX, roubando ao homem a sua crença em DEUS, arrastaram-lhe a uma inquietação e a uma angústia que tanto o fazem sofrer.

A campanha escotista em Pernambuco, conciente da sua alta missão social, vem procurando dentro do possível encaminhar a nossa mocidade para uma compreensão mais cristã e mais humana da vida, mostrando-lhe que acima do orgulho dos homens, da sua ciência e da sua sabedoria, há os desígnios Daquêle que tudo pode e tudo dirige.

Procuremos, brasileiros, auxiliar com o nosso esforço e a nossa inteligência, esta obra de tão alta relevância para a nossa Pátria, cooperando com o desprendimento e o apostolado de Oswaldo Guimarães e o apóio da Secretaria da Justiça que, por intermédio do seu culto titular, dr. Arnóbio Tenório, vem se empenhando na continuidade de tão nobilitante instituição.

Esse nosso esforço e essa nossa solidariedade representarão a expressão do nosso culto ao Brasil.

Porque V. Exa. não personifica sua elegância comprando CALÇADOS na

CASA REALENGO?

de BARBOSA DA SILVA

à Rua de Livramento, 105 - Fone 6941
Recife Pernambuco

USINA SANTA TEREZINHA

AGUA PRETA - PERNAMBUCO

Produção 500.000 sacos de açúcar e
10 milhões de litros de alcool

Orgulho da industria açucareira
do Brasil

MANOÍLESCO

(Conclusão)

legítima para a constituição do poder político e legislativo supremo" (2) — isto em oposição ao corporativismo MIXTO e ao SUBORDINADO, éste em vigor na Itália. De acôrdo com o corporativismo subordinado, as corporações são instrumentos do Estado, que é a realidade suprema. Na Itália, há, como base do poder político e legislativo, órgãos não corporativos, como o Supremo Conselho e o Partido, residindo neste, que fez a Revolução e criou o regime, a origem do poder público. No corporativismo mixto, as corporações são EM PARTE base do poder público, podendo figurar ao lado das camaras políticas. Segundo o corporativismo puro, como vimos, nenhum poder público pode assentar em bases não corpórativas.

Em segundo lugar, o corporativismo de Manoílesco é INTEGRAL, no sentido de que "considera como corporações dotadas de uma organização autônoma e de direitos próprios, não sómente as corporações econômicas mas também as corporações sociais e culturais da nação, como a igreja, o exército, a magistratura, a corporação da educação nacional, da saúde pública, das ciências e artes. (3) O corporativismo italiano, no presente, é quasi exclusivamente econômico existindo. ao que parece, apenas uma corporação econômica organizada, que é a das classes liberais.

O corporativismo total de Manoílesco restringe consideravelmente as funções do Estado, que deixa de ser a entidade suprema, absoluta, absorvente que é o Estado Fascista. O Estado por êle concebido é justamente o contrário do Estado liberal onde a centralização de funções ia ao extremo, pois fóra da entidade estatal só existiam indivíduos. O Estado Corporativo tende a uma larga descentralização de poderes, através

das corporações. Manoílesco vê o Estado como CORPORAÇÃO e SUPER-CORPORAÇÃO. No segundo caso, êle tem, apenas, a função de supervisão; no primeiro, possui apenas, duas funções diretas: a defesa nacional e a ordem interna, pertencendo o mais ás corporações.

Outros aspectos do pensamento de Manoílesco, como a concepção do DIREITO FUNCIONAL, os direitos individuais, a noção do justo e de justiça, a moral corporativa, direito e dever, a origem do poder público, o problema da separação dos poderes, com a questão da "quarta dimensão" do Estado, ou seja a dimensão corporativa, de que falam certos autores italianos — tudo isso tentaremos examinar e estudar no próximo artigo.

(1) — O segundo imperativo PARECE encerrar uma contradição.
(2) e (3) — Mihail Manoílesco — "Le Siécle du Corporatisme".

MERIDIONAL

Companhia de Seguros de Acidentes do Trabalho

Capital Subscrito 1.000.000\$000

Capital Realizado 500.000\$000

RUA PRIMEIRO DE MARCO, 85 — 3.º ANDAR
RIO DE JANEIRO

DIRETORIA :

Oscar Berardo — João Carlos Machado — Francisco Campos — Frederico Dahne — João Cleofas
Agentes em Pernambuco :

Oscar & Cia.

RUA VIGARIO TENORIO, 33

FONE : 9424

U S I N A

NOSSA SENHORA DAS MARAVILHAS

Propriedade da Companhia Açucareira de Goiana

Produção: 150.000 sacos de açúcar e 1.500.000 litros de álcool

Endereço Telegráfico: P E R Y L O

GOIANA -- PERNAMBUCO -- BRASIL

USINA
SERRO
AZUL

José Piauhylino

Gomes de Mello

PRODUÇÃO:

70.000 sacos de açúcar

300.000 litros de álcool potável

Dispondo de ótimo e moderno aparelhamento

PALMARES

PERNAMBUCO

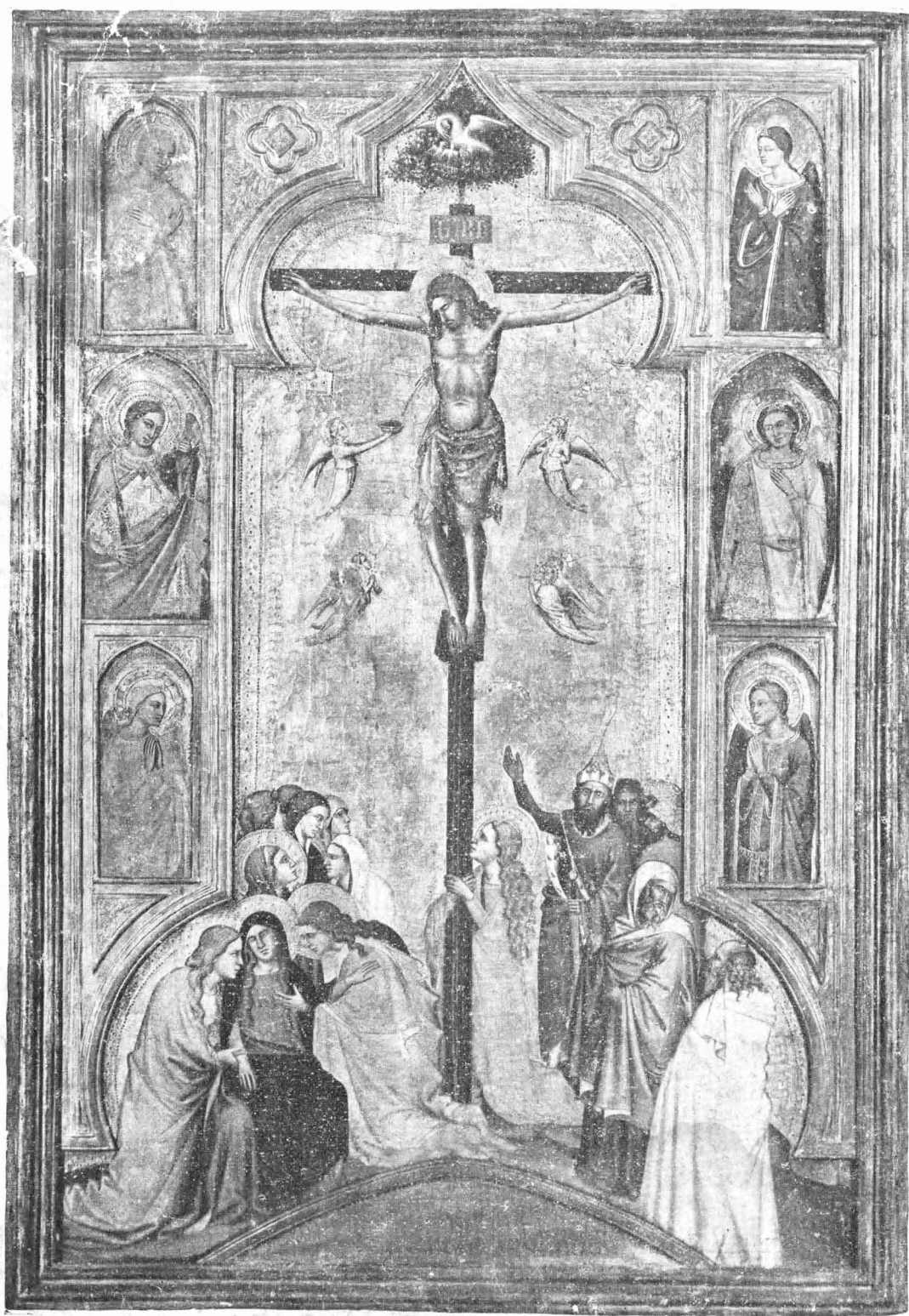


SÃO JAIME — Pintura do Mestre Franciscano. (1227). Trabalho de grande segurança, fôrça e originalidade. O autor desta obra, desconhecido, foi certamente um irmão leigo da Ordem Franciscana. O seu sobrenome de "Mestre Franciscano", origina-se dêsse artista ter feito algumas de suas pinturas sôbre painéis tirados à um leito, onde o Santo repousara em vida.

Compra Tadeu Rocha

30/8/29

3660



CALVÁRIO — Pintura de ANDREA ORCAGNA e seus discípulos, da Coleção P. L. de New-Zork. (Vide NOSSA CAPA, página 6).

IMPRESSO
NA TIP. DO
DIÁRIO DA
MANHÃ